

A REVOLTA



Pela Pátria e pela República

Jornal Republicano Académico

Ano 4.

DIRECTOR — Zacharias da Fonseca Guerreiro
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua das Covas, 15

COIMBRA — 26 de Fevereiro de 1916

Propriedade do Grémio A REVOLTA
Composição e impr., TIP. LITERARIA — R. Candido dos Reis
EDITOR E ADMINISTRADOR — SILVA RAPOSO

N.º 66

A Cidade, a Academia e a Guerra

A Conferência que o ilustre marinheiro LEOTE DO REGO realizou em Coimbra, a convite do jornal "A REVOLTA,"

A NOVA SITUAÇÃO DE PORTUGAL PERANTE A GUERRA

Como havíamos prometido realizou-se, no passado domingo, a conferência do eminente republicano Leote do Rego, a qual teve lugar no Teatro Avenida desta cidade, que nos foi amavelmente cedido para tal fim. O dia, magnífico de luz e placidez, parecia um cantico da Patria, saudando aqueles que resolutamente a dignificam.

Acompanhado por um grupo de academicos que a Estação de Alfaiates foram apresentar as suas saudações, o ilustre republicano, chega finalmente a Coimbra, ás 12/15, subindo então ao ar algumas girandolas de foguetes, e tocando a banda musical *r.º de Maio* o Hino Nacional. Uma multidão numerosa faz a Sua Ex.ª uma calorosa manifestação, levantando-se muitos vivas á Patria e á Academia Republicana. Alguns minutos de descanso no Hotel Avenida, para onde seguiu, num carro de luxo, acompanhado pelo venerando republicano Guilherme Teles de Menezes, Zacharias Guerreiro e Fernando de Araujo. A banda toca o hino nacional. Grande multidão popular aclama vivamente o grande português. Aproxima-se a hora.

No tracto do Hotel ao Teatro, S. Ex.ª é constantemente victoriado pelo povo que o aclama delirantemente. O povo é imenso. A casa está completamente cheia. Nos camarotes veem-se muitas senhoras. Na plateia veem-se representados todos os partidos e todas as classes, notando-se grande concorrencia de monarchicos de cotação e estudantes. A sessão é presidida pelo Ex.º Sr. Dr. Antonio Leitão, Governador Civil do Distrito, secretariado pelos srs. Guilherme Teles de Menezes e Zacharias Guerreiro.

Fala o academico Carlos Martins

E' então dada a palavra ao intelligente academico Carlos Martins, que produz a seguinte allocução:
— Há estudantes em Portugal! — O estudante é irmão do soldado! Tem épocas de paz e épocas de guerra: na paz exercita-se e na guerra combate! A Patria atravessa, nesta hora de incertezas feita, a mais aflitiva situação da sua História. A' deploravel situação económica que tão implacavelmente flagela as classes proletarias, junta-se o desvairamento moral que daí resulta como consequencia primaria, e tambem a conspiração hipócrita e desapiadada das ambições de potentados em guerra, que em nós adivinham um contrapeso para a indemnização de perdas num certamen, para que não concorremos, e que há-de finalizar — estou disso certo — em condições vantajosas para os Impérios Centrais.

Há estudantes em Portugal!
Não é hoje estudante aquele que apenas medita nas páginas duma *se-benta*, que dá o seu passeio em horas de esparecer, que disfruta um *cinema*, que conquista uma donzela... Não! A Patria sofre uma dor bem amarga e profunda. — Ser estudante não é hoje desfraldar uma capa e umas fitas

coloridas. — Não! Ser estudante é... *arder!* é correr ás fileiras do pensamento, elucidando o povo acerca da situação nacional, comunicando-lhe o fogo do nosso entusiasmo, incitando-o ao sacrificio e ao heroismo, para salvarmos uma Patria e uma Republica libertadora!

Há estudantes em Portugal! e, a confirmá-lo, basta essa arrojada tarefa em prol do *Tesouro de Guerra da Nação*, trazendo a esta cidade essa «bela figura de marinheiro» ilustre Deputado da Nação, Ex.º Sr. Leote do Rego, que, pela sua competencia profissional, pela sua vasta erudição, pelo seu ardente patriotismo e acendrado amor á Republica, irá expor, duma maneira brilhante e definida qual a *nova situação de Portugal perante o Conflito Europeu*. Em nome de todos os amigos d' *A Revolta*, de todos os bons republicanos e patriotas de Coimbra, aqui expresso a V. Ex.ª o meu penhor pela honra que tão galhardamente acaba de conceder a esta academia e a esta cidade, que se sentem extraordinariamente felizes por terem hoje em seu seio um dos homens mais ilustres da Republica.

E, presentindo já, a viva anciedade com que a palavra de V. Ex.ª é aguardada, termino levantando um viva á Republica e á Patria — Viva Portugal!

Foi muito aplaudido. Fala em seguida o eminente português Leote do Rego que realisa, duma forma encantadora e sugestiva a sua annunciada conferencia sobre

A nova situação de Portugal perante a Guerra

Em primeiro lugar, o conferente sauda o povo de Coimbra, essa linda Terra onde a alma nacional vibra tão intensa, e a que se sente ligado pelo coração, pois ai viveu um seu antepassado que derramou o seu sangue pela Liberdade. Em seguida sauda a Academia, essa pleiade de homens, a quem amanhã caberá a missão de fimonarem os destinos da Patria, homens, que, quaisquer que sejam as suas ideias politicas considerarão os destinos nacionais, porque acima da Patria não ha ninguém, nem coisa nenhuma. Agradecendo a recepção que lhe foi feita, ele sauda tambem todos os portugueses, que, com uma abnegação extraordinaria e sublime, despresando todas as campanhas de odio e achincalho, teem seguido num alvoroço, esse tremendo conflito em que a Europa, a Asia e a Africa se abrasam. Essas manifestações carinhosas, não são para mim que nada valho; são para a pobre marinha portuguesa (diz comovidamente) que, embora constando de tres ou quatro navios, pequenos e velhos, se tiver amanhã, de defrontar-se com quaisquer inimigos, irá para o fundo aos primeiros tiros, mas o seu ultimo arranço será um cantico de saudações á Patria e á Republica.

Nada sou e nada valho — diz o conferente: — orgulho-me apenas de duas coisas: de ser português e amar muito a minha terra, e de cumprir

sempre o meu dever, sem receios pelas campanhas desvairadas de torpeza e ignominia, que teem a virtude de incitar-me no caminho do bem.

Num dia que não vai longe eu disse em jornais e conferencias, ser chegada a hora de todos os politicos se unirem, motivo porque fui encerrado numa fortaleza. Do meu quarto de prisão eu contemplei a fortaleza onde foi martirisado o grande patriota Gomes Freire de Andrade e essa visão incutiu-me o alento e o vigor para suportar a afronta.

Se é certo que eu não trabalhei pela ideia republicana antes de 5 de Outubro, tenho, todavia a consolação de ter cumprido sempre o meu dever antes e depois dessa data. Se é certo que outros fizeram a Republica, é certo, tambem, que eu alguma coisa contribui para que essa Republica recuperasse toda a energia moral no dia 14 de Maio — Nesta altura ha um ligeiro incidente, provocado por um distribuidor de jornais que é posto fora da plateia com toda a delicadesa dalguns musculos republicanos. O Teatro em peso, ergue-se, como que impellido por uma mola, fazendo uma vibrante manifestação a Leote do Rego — Fui convidado amavelmente (prosegue o orador) para vir aqui tratar de assuntos que se prendem com a guerra. Eu, que sou militar, mas que não sou militarista, um *prussiano*, vou falar um pouco sobre a paz.

Não são sómente os anarquistas que amam a solidariedade entre os homens: refiro-me aos bons, aos honestos, aos que são penetrados dum verdadeiro desejo de aperfeiçoar a humanidade, assegurando a cada homem o maximo de felicidade, e não áqueles que, pela calada da noite, arrancam os rails dos comboios, sabendo que daí a pouco vão passar mulheres inofensivas e creanças que irão precipitar-se no abismo. Esses que arremessam bombas ás multidões, que assaltam, que dinamitam as pontes dos comboios, esses... são criminosos repugnantes que, para glori ficarem uma ideia, lançam mão de processos que repugnam a todos os homens de bem. Eu como todos os que são bons, quando vejo pelos campos os pobres trabalhadores regando a terra com o seu suor; quando vejo sair das entranhas da terra, como presenciei nas minas da Escocia, homens de faces cadavericas, esfarrapados e tristes; quando encontro pelas estradas os vagabundos, eu penso que esses homens são do passado e os seus sofrimentos penalizam-me profundamente. Quando vemos os chefes de Estado erguerem as suas taças espumantes pelas prosperidades dos países que representam, dá-nos a impressão que amanhã darão ordem para o desarmamento geral. Quando a regular a vida internacional, surgiram os tribunais arbitrais, nós pensamos que não mais seria preciso o armamento e a guerra.

Quando, ha dois anos, o chefe do socialismo alemão se levantou no parlamento a dizer que os socialistas votariam só os creditos orçamentais indispensaveis para de-

fender a Alemanha de qualquer atentado á sua autonomia, ficámos com a impressão de que o militarismo prussiano não poderia fazer a guerra ofensiva á qualquer país. No entanto, tudo é diferente! e essas palavras do socialista alemão eram uma mentira. E, quando o Kaiser visitava o parlamento, em que a maioria dos deputados ia fardada com os seus uniformes de guerra, os deputados socialistas passaram deante do imperador sem uma palavra, sem um gesto de resistencia e esse chefe socialista foi até condecorado com a celebre medalha da Cruz-de-Ferro, por ter ordenado que fosse arrazada uma vila francesa da fronteira. Essas conferencias da paz apenas teem servido para *rendez-vous* da diplomacia.

O orador conta em seguida um pequeno episodio da corrupção da diplomacia: um diplomata alemão, na conferencia da paz, enamorou-se da esposa dum outro diplomata, raptando-a e levando-a para o seu país como se levasse um livre-transito atravez uma colonia (Risos). — Quantos seculos há-de decorrer para que esse estandarte sublime da paz eleve, no mesmo cantico, a alma de todos os homens, evitando a construção de materiais de guerra, de arsenais, e empregando essas energias na construção de mecanismos, arados e todos os utensilios que possam minorar as dificuldades da produção e do consumo, tornando os homens mais felizes? até que o lindo luar português, com os descantes das vossas guitarras, senhores estudantes, possa presidir a festas de verdadeira fraternidade?

Oh! Serão precisos, pelo menos, tantos seculos, como os que teem decorrido desde que apareceram os primeiros homens, disputando uma caverna, uma peça de caça, um fructo, uma femea. O homem d'hoje retrogradou. Alem, nesses primeiros tempos, a luta era corpo-a-corpo, braço-a-braço; agora, arremessamo-nos pela atmosfera, feitos passaros; fazemo-nos peixes para rasgarmos o ventre dum navio inimigo. Quanto a moralidade pouco mais progredimos. Quando estive em Pompeia, eu vi, ainda fresco e nitido, como se fora daquela hora, á porta dum certo candidato ao senado um distico em que se prometia *muito bom vinho e admiraveis petiscos aos eleitores*. São passados dezenove seculos. Estamos quasi na mesma, só com a diferença de que o vinho, agora, é *falsificado*. Tudo é a Guerra! tudo para a Guerra: — aviões, comboios militares, a sopa militar, os cães de guerra e até os bombos, simbolo da castidade, que deveriamos ver levar nos seus bicos acarriadores o ramo de oliveira, servem agora para transportar pelo espaço, — e não sei se de capacete! — formidaveis ordens de guerra. Qual a causa desse tragico duelo, desse tremendo sobresalto? Os interesses são os unicos moveis dos homens e das nações, e por isso não ha hoje um recanto da terra que não esteja em luta. Em lugar de servir para o extermínio dos homens, essa luta poderia antes efectuar-se em seu be-

neficio. Mas... detraz das nações está o Kaiser, o militarismo prussiano, a Alemanha, esse país que deve merecer a repulsa de todos os homens que teem coração! (Aplausos calorosos). Eu era um grande admirador da Alemanha — se eu sou militar! — mas eu hoje odeio a Alemanha porque ela tem o proposito de esmagar o mundo inteiro, como odiaria todo o país que defendesse o imperialismo.

Branco de alma negra

Contra esse país — prosegue o orador — urge a união do mundo, inteiro, de todas as raças, de todos os povos. Houve a principio grande repugnancia por verem-se ao lado dos aliados, os soldados de cor. Eu, porem, tenho do homem de cor uma ideia diferente. Tenho vivido muito tempo nas colonias e desses pretos, onde alguns ha de alma branca como a neve, nunca recebi um agravo, ao passo que os tenho recebido de homens brancos de alma negra! (Risos).

Por mais que os Adelaides o não queiram, a guerra avança sobre nós como um cilindro

Eu não quero dizer-vos o que é a guerra porque isso é do conhecimento de todos e seria abusar da vossa paciencia; quero apenas falar dos processos da Alemanha e dos aliados. Uma coisa é combater com entusiastico ardor, na defesa da Liberdade; outra coisa é a baixes moral, o crime pelo crime, o crime hediondo. Quem queima a ambulancia dos feridos? Quem incendia um por um os livros das bibliotecas, os monumentos de arte? Quem bombardeia cidades abertas? Quem assassina Miss Cawel? E' a selvageria alemã! (Aplausos) Tudo prova que dentro do uniforme do militar como dentro da tunica do sábio ha a *besta feroz*.

Brito Camacho, com a sua frase *saca-rolhas*, disse que em Dezembro esperaria contar aos seus netos — ele... que nem filhos tem!... (Risos) as peripecias da guerra, e que quando *caissem as ultimas folhas dos platanos, acabariam as ultimas balas*. Esta guerra está agora no seu principio. Quantas nações há-de ainda ocupar o seu lugar no taboleiro da guerra? O incertido vai lavrando cada vez mais para o Oriente e até numa ilha perdida no Oceano, Madagascar, a intriga começa a manifestar-se.

No poderoso continente Americano milhares de alemães desenvolvem a mais formidavel intriga, precipitando a guerra civil que será inevitavel. E' a intriga alemã pelo mundo inteiro. Quanto tempo não terá ainda que decorrer até vermos de que lado está a victoria? Agora, só no campo diplomatico ha algumas victorias reumbantes, e essas por parte da Alemanha. Agora tratemos de nós, da situação de Portugal ao começo da Guerra: — Apesar de todos os esforços da Republica, a situação financeira não era desafogada. A nossa

marinha estava pobre, não porque a nossa terra não seja rica, mas por falta de senso de todos os nossos políticos de ha quatro seculos até aos dias da Republica. Temos o nosso dominio colonial donde recebemos o ouro, e, por isso, se havia nações que deveriam tomar, de principio, uma attitude perante a Guerra, era Portugal, e, demais, estavam ligados por uma velha aliança á Inglaterra e era a Alemanha que já ha muito cobicava as nossas colonias.

Portugal, situado no Oriente da Europa, apertado por uma garra enorme, a Espanha (a nossa amiga!) tinha de pronunciar-se por aqueles que defendem as pequenas nacionalidades. Quando da reunião parlamentar onde se afirmou altivamente a situação de Portugal, eu senti a alma cheia de alegria porque ouvi Antonio José d'Almeida, esse grande patriota, esse grande republicano, dizer que ele e os seus amigos políticos nem um momento hesitariam em ir para onde os chamasse o dever e a Republica, e Afonso Costa dizer que o nosso lugar era ao lado dos aliados, bem como o então chefe dos reformistas, Machado Santos que era da mesma opinião. O sr. Brito Camacho disse que sim, que também lá iria se fosse preciso. (Risos). A nação em peso, o povo português disse então ao mundo, que, embora mal armado se dispunha honradamente a combater pela Justiça. E então, um grande cruzador inglês veio á barra de Lisboa saudar a Republica. O povo inglês apreciava assim as nossas afirmações desassombradas. Vimos então chegar um navio da nação francesa e a bandeira tricolor desfraldar-se para saudar a nossa pequena Republica. Tinhamos pouco, mas tinhamos a vontade, o nosso inabalável proposito de fazer o possível em prol do triumpho. Mas, a subitas, e com grande descaramento apparecem correntes em contrario.

A primeira corrente é a dos monarchicos. Não me refiro a todos os monarchicos: entre eles ha muitos amigos da Patria, como o Duque do Cadaval, emigrado no estrangeiro, que foi um dos primeiros a apresentar-se para seguir para os campos de batalha; Souza Rosa, official reformado que veio também oferecer os seus serviços. Falo dos outros, refiro-me aos outros que na sua fúria contra os homens da Republica não hesitam até em querer uma administração estrangeira e que não admittam, no momento em que nos preparavamos para ir para a Africa, em fazer a cegada de Mafra.

A segunda corrente, pouco numerosa, das pessoas que não tem caracter, animadas pela alma de Miguel de Vasconcelos, que, depois de Naulila, ainda fizeram votos pelo triumpho alemão e andavam com os jornais alemães pelos electricos — mas de pernas para o ar por não saberem ler! (Aplausos e risos).

A terceira corrente consta das pessoas que tem medo, das pessoas medrosas, dos Adelaides... (risos) — que outra coisa se lhes não pode chamar — essa enfermidade contagiosa, mais terrível que a lepra ou o colera-morbus. Mas, o que se não compreende nem se admite é que peguem a sua enfermidade moral aos outros. É preciso acabar com a propagação do medo. Por mais que os Adelaides o não queiram, a guerra avança sobre nós como um cilindro!

A outra corrente formou-se dentro da propria Republica.

É uma loucura e um crime pretender caçar votos nos Adelaides (risos) e nos germanofilos.

Certa patrulha politica tem procedido de tal forma que sou obrigado a coloca-la ao lado dos inimigos da Republica. A obrigação do capitão medico Camacho era preparar a sua ambulancia e nunca mais falar na guerra. Sabem a fúria com que ele tem procurado desviar-nos do austero caminho do dever.

No seu jornal não hesitou em incitar o gesto dos officiaes que depozeram as suas espadas e que iam afundando a Republica num abismo. Brito Camacho começou por desdenhar da guerra, por infamar com o titulo de empresarios da guerra a troco de alguns «shilings» quem opinasse pela nossa participação. Mas... se os Adelaides tem medo de ir para a guerra também lhes não chega a coragem para meter listas na urna (Risos). Todas estas correntes se foram avolumando, e, sem querer, encontraram-se no mesmo caminho, até que a Patria ajoelhou, até que Pimenta de Castro a pisou, esse Pi-

menta de Castro que anciava pelo desembarque de tropas hespanholas no nosso territorio, e afirmava que os aliados eram uma canalha.

E, nesta altura, o illustre conferente recorda que o rei Cristiano da Grecia, entrevistado por um jornalista americano acerca do que faria se todo o povo grego quizesse collocar-se ao lado dos aliados, respondeu que desmoralisaria o exercito. A Ditadura foi o remate desgraçado dessas correntes. Passou á historia. Ela teve apenas a virtude de provar que as cadeiras do poder se não devem confiar a mentalidades inferiores e sem patriotismo.

Os gestos que precederam a Ditadura e as acções dos ditadores que não acuso porque ninguém tem culpa de ser estúpido — modificaram completamente a opinião do estrangeiro acerca de Portugal. Os nossos oferecimentos de canhões e todos os nossos sacrificios ficaram então desvalorizados. Pimenta de Castro dava ordem para que o Governador de Moçambique deixasse passar pela nossa fronteira mantimentos para os soldados alemães dificultando, propositadamente, a manutenção das tropas nacionais. (Sensação na plateia).

O orador refere-se em seguida ao caso dum navio de guerra, português, desarmado e transformado em navio mercante, em serviço dos alemães, e por eles commandado. Como os officiaes portugueses se recusassem a esse acto de traição á Patria, Pimenta de Castro impoz severamente a sua vontade. Com a Revolução de 14 de Maio as coisas modificaram-se um pouco e com o livro do sr. Pimenta de Castro elas retomaram o seu lugar. Um jornal inglês que não se vende, poz a claro qual a situação de Portugal perante a guerra. Essa nuvem-negra que passou sobre a Patria está desfeita. Estou certo que Antonio José d'Almeida e Afonso Costa, inimigos irreconciliáveis, embora cada um arvorando o pendão do seu partido, não hesitarão em formar um ministerio nacional, que eu já defendi, motivo porque fui metido numa prisão.

A Patria é uma grande familia que nos dias das angustias todos choram.

Devemos preparar-nos para entrar na conferencia da paz. Lá não se entra apenas com os Lusitadas debaixo do braço, com os frascos de feijões coloniais da Sociedade de Geografia, nem com o sr. Brito Camacho!

Lá entrará somente quem levar cicatrizes ainda frescas e quem tenha defendido com desassombro a Verdade. Vou terminar, pedindo desculpa de, por tanto tempo, abusar da paciencia de V. Ex.^{as}

A nossa terra merece bem os sacrificios das paixões politicas. Devemos lembrar-nos de que o patriotismo é a base da grandeza de todas as nações. Na minha mocidade não havia a educação cívica d'hoje. Tocava-se o hino nacional, passava a bandeira da Patria, sem que alguém lhe ligasse a minima consideração.

Quando eu era ainda aspirante, viajei num pequeno navio (só temos navios pequenos...) um ferro de engomar, pela India, onde vi os padrões da nossa passada gloria e grandeza, ruínas de antigas fortalezas: em França, assisti á festa de 14 de Julho, onde um povo inteiro ao som do mais belo hino do mundo, a Marselhesa, saudava a sua Patria: em Inglaterra eu vi mais de duzentos mil ingleses, de chapéu na mão, cantando o hino nacional: saudavam Nelson a quem a Inglaterra deve a sua gloria; na Africa vi o convez do meu navio invadido por gente portuguesa: essas quatro taboas representavam então um pedaço da Patria; nas nossas colonias, onde, nas sepulturas li ainda o nome de grandes portugueses, senti tanto alvoroço como se estivesse ali representada a nação de ha quatro seculos. E ao regressar então, a Portugal, eu vi, lá ao longe, a despontar da bruma a silhueta da serra de Cintra, e senti como que num estremecimento místico, o Amor da Patria. A Patria é uma grande familia que nos dias das angustias todos choram. Eu que tenho percorrido tanta terra, asseguro a V. Ex.^{as} não haver terra mais linda, mais lindas flores, nem um céu tão azul, nem jardins tão perfumados como os de Portugal. Sejamos patriotas! Só poderemos ter uma Patria dignificando o nosso passado epico. Que se arvore a bandeira da Liberdade, mas que essa Liberdade não seja a serva do capricho.

Acompanhai-me, minhas senhoras e meus senhores, numa saudação vibrante e bem sentida á terra portuguesa. Viva Portugal! Viva a Republica!

A plateia aplaudiu vibrantemente a bela conferencia do grande português e illustre marinheiro Leote do Rego, que durou 1 hora e um quarto. Depois de ter descansado algum tempo no Hotel Avenida, Sua Ex.^a fez um agradável passeio pela Volta das Corridas, acompanhado por Fernando d'Araujo, Zacharias Guerreiro e Peixoto d'Alarcão. Sua Ex.^a jantou no Avenida, acompanhado daiguns estudantes republicanos, tendo á sua esquerda o Ex.^{mo} Sr. Dr. Antonio Leitão, illustre Governador Civil do Districto e á direita, seu filho Jaime Leote do Rego, aluno desta Universidade. O Ex.^{mo} Sr. Governador Civil, Carlos Martins e Peixoto d'Alarcão levantaram calorosos brindes, a que S. Ex.^a respondeu brilhantemente, produzindo discursos patrióticos, exaltando a Republica e animando-nos para o cumprimento do dever.

Retirou no comboio das 20/50, tendo na Estação Nova uma vibrante manifestação de simpatia por parte do povo republicano de Coimbra. Duma das janelas do comboio falaram Carlos Martins e Peixoto d'Alarcão. O povo levanta incessantes vivas a Leote do Rego. Sua Ex.^a assomando a uma das janelas do comboio levanta um viva a Antonio José d'Almeida e Afonso Costa e ao povo republicano!

Sua Ex.^a foi acompanhado até á Estação Velha por alguns academicos, despedindo-se affectuosamente do grande português e vigoroso conferente que nos deixou a mais agradável impressão da nossa vida de Coimbra.

D'ali lavo as minhas mãos

Posso afirmar bem alto que a Resistencia é uma rodilha do Dr. Pires de Carvalho, porque este cavalleiro foi pessoalmente a minha casa, por altas horas da madrugada, mendigar-me para assumir a sua direcção. Posso também afirmar, bem alto, que esse jornal, calunhando torpemente a minha pessoa, o director deste jornal, e agredindo o sr. Eugenio Sales, velho republicano e director de O Debate, está no firme proposito de, sob a direcção do anonimo Testa de Ferro Falcão Ribeiro, insultar o mundo inteiro e envenenar a politica de Coimbra.

Posso afirmar, também, que tenho usado até hoje duma prudencia angelica, pois gostaria mais de dirigir os meus ataques contra os tallasas.

A paciencia, porem, vai-se... esgotando.

Os fundibularios inconscientes, em assomos de fúria, e vomitando quantos torresmos lhes ensarram o nariz, atiram-nos punhados de estercor e verdete, parecendo julgar-se invulneraveis. Já nem sabemos se a culpa é do sr. Pires de Carvalho se é do Maricas Testa de Ferro, que, apesar do seu epiteto de Come e Dorme se vai prestando a bandalheiros de toda a ordem, parecendo tomar a nossa prudencia por fraqueza. Ora bem! Em breve teremos festa e digo-lhes que, com bastantes foguetes de lagrimas. É com bastante magna que iremos tomar esse caminho, mas, emfim, é sina das pessoas de bem o serem enxovalhadas por tratantes.

Chamamos a atenção do sr. Pires de Carvalho e do Centro Democratico de Coimbra para o que vai seguir-se e em que usaremos da maxima violencia, sem contemplações, de qualquer natureza e sem reserva de qualquer segredo, por mais fundo que isso vá ferir o sr. dr. Pires de Carvalho e o seu bando de capangas.

Dal... lavo as minhas mãos.

FERNANDO D'ARAÚJO

P. S. — A Revolta publicará successivamente os seguintes artigos da minha lavra: Um vendido, A carta negra, Historia do pasquim, Politica de Coimbra, Notas falsas, Nula est redemptio.

F. A.

MIUDEZAS

A senhora X é uma distincta pianista de Coimbra e leciona as mais belas cabeceiras da alta roda indigena.

Os seus serões e os seus five ó-clo-ck-tea — são quasi sempre assinalados pela estreita duma discipula, o que lhes imprime a nota encantadora e sublime dum pouco d'arte em familia, longe da intriga do mundo, no doce convívio das afeições, mil projectos esvoaçando como gazes perfumadas, a lisonja palaciana e a modestia fidalgamente desagravada, os olhares beijando cada olhar, como se aquelle encanto dum lar fora um pedaço arrebatado ao ceu.

A senhora X realizou ha dias o serão mais encantador e memoravel dos seus anais de pianista. Estreou-se a gentil mademoiselle Y.

Entre os convidados ostentava-se o mimoso auctor da Gazua Doirada, o seu queixo como uma petala de jasmim, meigamente caído sobre o peito, enquanto os perfis e as curvas misteriosas das galantes borboletas lhe dilatavam a retina em faiscações de linco que busca na agua turva o seu manjar.

Silencio. A pianista toma posição. As mãos deslizam em correrias vertiginosas, como farrapos de jaspe mudo-se no abismo da harmonia, que, da mistica profundidade, em alucinações e histerismos ingentes, um doído gigante, encarnando a energia da natureza inteira, arrebatava a emoção, comunica as almas por um effluvio empolgante de fascinação, despenhando tempestades, o vento a sofrer angustias em florestas solitarias, o ceu aberto em fogo, mastreações partidas, a vaga temerosa, o naufragio nas solidões do mar, as caravanas vagando no deserto, os saltadores na montanha: é Wagner! A harmonia abranda pouco e pouco: é um desfazer de tormenta, o sol rompendo no ceu, perfume da terra, o pastor canta, os lagartos espregam dos buracos, e as timidias flores reubrem as suas petalas coloridas, enjugando-se para o sono da noite. E as mãos de jaspe tomam attitudes vaidosas, poçando com elegancia no marmore do teclado.

E o mimoso secretario achando-lhe uma certa semelhança com as mãos de Me. d'Esparrbes, idealisa-se em Munich, em pleno centro do grande mundo da Arte. O seu queixo depravado tomba angelicamente sobre o peito.

A executante, porem, tinha dado uma tremenda raia, ou seja: um fífu (para empregarmos uma fraseologia tecnica) e sem grande preocupação com a boca escancarada do seu admirador, transferiu silenciosamente de Wagner para Chopin, executando um dos seus mais sublimes nocturnos, falando de cemiterios e tragedias amorosas, dolente, amargurado como um bronze funereo.

Terminou emfim. E os labios do mimoso espectador cerrando-se pouco e pouco, a sua cabeça meneando-se num gesto renascentista de deslumbramento e comoção, despregaram esta sentença magistral:

Oh! minha senhora! — Wagner é inconfundivel!

A dama levou o lenço á boca.

A greve academica

Mantem-se no mesmo pé o conflicto academico, sem desordem a registar, o que tem dado a este movimento uma nota bastante simpatica.

Alguns estudantes tem ido a Lisboa e Porto afim de pedir a solidariedade dos cursos superiores.

A falta de solução a este conflicto está prejudicando gravemente alguns estudantes. Continuamos fazendo votos para que ele termine brevemente com honra para todos.

CARTAS

A carta que motivou a podre resposta do Testa de Ferro da Resistencia era a seguinte:

«Ex.^{mo} Senhor Dr. Falcão Ribeiro

Tendo-se, no numero sete do jornal de que V. Ex.^a é director, calunniado infamemente um cidadão que se presa de não ter a mais pequena mancha na sua vida, exijo, sob pena de procedimento mais desagradavel, a prova de que sou desgraçado e criminoso. O praso que dou a V. Ex.^a, é inadiavelmente até ao proximo numero do seu jornal e o seu mutismo, alem desse praso, autorisar-me-ha a não considera-lo um homem de bem. Não posso permitir, impunemente, a quem quer que seja a mais ligeira insinuação ao meu caracter. Sem mais.

De V. Ex.^a

Coimbra, 22-II-916

Zacharias Fonseca Guerreiro.

O que parece incrível é como o maricas que dirige o pasquim da tropa fandanga não publicasse esta carta. Era um dever de lealdade. Nós já tinhamos previsto ha muito que o tal pasquim viria provocar a desordem mais desgraçada na politica de Coimbra. Aos gravissimos assuntos que as prostitutas esbovinhadas empocalham miseravelmente, não nos referimos por causa dum compromisso de honra que nós como ao sr. Falcão Ribeiro impõe o mais absoluto silencio.

Meu caro Zacharias:

Deixo hoje Coimbra e vou para Lisboa acabar a minha formatura. É com um mixto de alegria e tristeza que o faço; parece-lhe certamente exquisito, não é verdade? Mas eu explico-me: alegria tenho-a, porque deixo a terra onde dei todo o meu esforço, toda a minha dedicação á causa sagrada da Republica, recebendo em troca desses pequenos mas leais serviços, apenas coices por parte da grande maioria dessa jesuitada que conseguiu transformar uma Universidade num seminario d'onde á maneira dum quartel ou ponto de concentração, dirijem os seus ataques contra a Republica. Odios, baixasas, desconsiderações, más-creações, tudo venceu o meu desprezo por essa malta, que sempre como hoje o está fazendo, não duvida em lançar o desassocego no nosso pais, quando é certo que eles bem sabem e toda a gente que é precisamente neste momento que Portugal necessitava estar tranquillo. E tudo isto com que fim? O de atacar a Republica, e... eles bem o dizem e escrevem: antes Afonso XIII que Afonso Costa! Por isso meu caro Zacharias é com alegria que eu deixo Coimbra porque os nossos nervos sofrem com um tal estado de coisas, mormente quando nenhum governo da Republica souba com firmeza castigar esses seus inimigos, muito pelo contrario os protege e permite que os seus mestres sejam na grande maioria conspiradores como eles. Várias vezes nos ladraram ás canoas quais miseros fraldiqueiros. Arremeteram mas... não morderam! E você sabe bem que se mordessam era só uma vez. Eles também o sabiam...

Com tristeza eu deixo Coimbra porque a par de muitas sensaborias também tive bons momentos e conquistei leais dedicções. Essas eram aquelas que eu via a meu lado quando se tratava de defender a Republica. Jámais esquecerei esses amigos e é com profunda saudade que os deixo. Não especializo porque não vale a pena. O nosso pequeno grupo conhecia-se bem e ele lá estava no seu posto, sempre que era preciso.

Era meu firme proposito concluir aqui a minha formatura. Mas, meu bom amigo, não podia conformar-me com a ideia de que eu, republicano ha 10 anos, tivesse de ser examinado por um júri composto do 3 conspiradores! Os meninos de ócio, os rapadinhos, os da «redusida», esses fidalgos avariados e essa jesuitada que constituem hoje

SECÇÃO LITERÁRIA

Proclamação

*A Nau do Sol colheu as velas d'ouro e ao mar
Tombou! As ondas do Oceano
Armonizaram sons para cantar
A bravura do Povo lusitano!...*

*O' antigos soldados de Kibir!
O' Santo de Valverde! ó Raça forte
Que morrendo viveste! vem ouvir
A alegria da Patria, junto á morte!*

*Poetas! meus irmãos! a nossa voz
É a voz da nossa Raça
A cantar os Lusíadas em nós!...*

*Sangue d'Aljubarrota! ó sangue: fala!
Eleva-me em Orgulho e Amor e Graça!
Fala dentro de mim! exalta-me em Grandeza!*

*— Se a Patria vai morrer, Irmãos, vamos salvá-la:
Vamos tentar a guerra, ó gente portuguesa!*

Coimbra, 16-2-1916.

CAMPOS DE FIGUEIREDO.

o grosso da Academia de Coimbra, perdem um grande amigo.

Mas eu estou certo de que você e os nossos companheiros de *A Revolta* redobrarão de vigilância para que eles á falsa fé, e só assim porque são muito cobardes, não tentem perturbar a paz e a tranquilidade da Republica. E você, meu caro Zacarias, está vendo nesta ocasião os processos de que eles se servem para atacar. Solidariedade com eles, nenhuma! porque eles nunca a tiveram conosco. Você viu no primeiro dia de parede o vira que foi dado ali ao fundo da rua dos Grilos... É pena que alguns republicanos tivessem ido na fita...

Mas, só agora reparo que estava a perder-me em divagações e a retirar-lhe o espaço que o seu jornal tanto precisa para a defesa da Republica.

Dê por mim um abraço aos nossos companheiros de *A Revolta* e você disponha sempre do amigo certo — Peixoto d'Alarcão.

Dr. Bissai Barreto

Em breves dias será nomeado definitivamente professor da Faculdade de Medicina desta Universidade, este nosso presado amigo e velho republicano, facto porque muito nos rejubilamos, pois que, alem de tratar-se dum verdadeiro amigo e o sr. dr. Bissai Barreto, uma competência de primeira plana que muito contribuirá para o levantamento do abalado prestigio da Universidade de Coimbra. As nossas felicitações.

NA "REVOLTA"

Recebemos a visita do *Furol* um interessante e bem redigido semanario dos marinheiros portugueses, inserindo uma primorosa colaboração, exaltando o amor da Patria e da Republica. Com a nossa permuta o nosso mais apertado abraço de solidariedade

— Recebemos tambem a visita da *Mocidade*, pequenino e primoroso semanario academico de Castelo Branco.

Agradecemos á gentileza, registamos a permuta, fazendo votos para que saiba dignificar a sua juventude defendendo a nossa Republica.

— Com uma dedicatória muito amavel recebemos um primoroso livro de propaganda, firmado pelo vibrante combatente Tomás da Fonseca. Num estilo singelo, acessivel á intelligencia popular, sob a forma de dialogo, cheio de frescura e interesse, de verdade e de calor, esse livrinho que tem por titulo *Cartilha Nova* é uma poderosa arma de propaganda contra os jesuitas e contra os talassas.

Ao seu primoroso auctor, o Mestre dos *Sermões da Montanha*, os

nossos agradecimentos e felicitações.

— Da Ex.^{ma} Sr.^a D. Ana de Castro Osorio, illustre combatente da causa republicana, recebemos a *Historia do Principe Luiz*, um lindo conto para crianças, em que mais uma vez S. Ex.^a revela o esplendor do seu estilo, e o seu conhecimento profundo da psicologia infantil, trabalhando uma pequenina historia que muito deleitará os pequenos leitores.

Despedida

Tendo de retirar para Lisboa, onde vou fixar residencia e na impossibilidade, por falta de tempo, de me despedir, como era dever meu, de todas as pessoas que me dispensaram a sua amizade e consideração, venho por este meio fazer-lo e oferecer o meu pouco prestimo naquela cidade, Rua Bernardo Lima F. G.

Coimbra, 25 de fevereiro de 1916.

JOSÉ PEIXOTO D'ALARCÃO.

VIVA A REPUBLICA!

Desde quarta feira, ao pendão tinto de sangue português, da Alemanha maldita e feroz, succedeu, a tremular, altiva, nos topos dos navios germanicos, surtos nos portos de Portugal, a bandeira heroica da nossa Patria!

Um governo patriótico incumbiu o bravo marinheiro, o illustre revolucionario sr. Leote do Rego, para que, em nome da Patria, e em homenagem aos que em Naulila deixaram regada pelo sangue vermelho dos nossos soldados, as plagas longiquas onde flutua a bandeira da Republica, intimasse os navios alemães e austriacos a arriar a bandeira da barbarie e para que em seu lugar fosse içada a bandeira portuguesa.

Trez pequenos navios da nossa armada, siugraram o Tejo e num momento, o valor intrepido dos marinheiros triunfava. De terra o povo erguia saudações calorosas e entusiastas, enquanto das bocas de fogo do *Vasco da Gama* uma salva de 21 tiros acolhia cheia de entusiasmo o esvoaçar gentil do simbolo angusto da Patria Portuguesa!

Começou de haver vergonha, começou de haver dignidade em Portugal!

O brio ofendido das fardas portuguesas vai ser vingado, a generosidade dos poucos valentes de Naulila começa de ser resgatada no gesto honrado do governo.

A Republica uma vez mais triunfou! Que se lamentem os germanofilos, que se abespinhem os talassas, que importa? O povo português vê com prazer a rea-

lização fiel dos seus desejos. Os barcos alemães eram uma afronta com as suas tripulações arrogantes içada de sol a sol uma bandeira inimiga e que Portugal com vergonha não pode consentir sem o desagravo dos insultos no decorrer desta guerra que terminará pelo triunfo heroico da pobre Belgica, pelo ressuscitar da Servia invadida, pela gloria da sentimental França, pelo esforço d'Inglaterra, soberana dos mares, e pelo grito de felicidade de todos os que amam a liberdade, de todos os que desejam o socego, o progresso, a honra e o direito vencedores!

Portugal desperta da chicotada vibrada cobardemente com o afundamento de dois raios por subditos dos assaltantes d'África. Portugal viverá!

Os pequenos povos tornam-se grandes pela energia dispendida!

Uns governos, por medo ou cobardia, outros usando duma politica dubia, não quizeram ou não puderam cumprir o seu dever. O atual cumpriu-o! É certo que os cobardes, feitos conselheiros da prudencia, pouco a pouco atordoavam o país com suspeitos flagelos dos quais segundo Lesseps a maneira de triunfar consiste em não ter medo. A alma portuguesa sentiu alento na utilização desses navios que de longe nos poderão trazer generos que nos faltam e que trazidos para o mercado, facilitarão a vida.

Os cobardes encolheram os prudentissimos conselhos, porque a influencia do exemplo é penetrantissima na alma.

Dissa o Locke e eles, os covardes que conhecem por ouvir dizer a dignidade da Patria, aterrorisam-se pelo receio do castigo justamente merecido.

O egoismo e altivez germanica sofreram rude golpe, vibrado por este pequeno povo que conscio do seu direito, sephor da sua Independencia quer triunfar e progredir.

É que Balzac ensinou que só se deve tocar no inimigo para lhe fazer curvar a cabeça. E essa Alemanha sinistra curvou se, descaendo da sua arrogancia provocadora a bandeira teutonica, para que através dos mares, vogando altiva, se patenteasse ao mundo, a existencia, a gloria de Portugal!

Tremulando a bandeira será essa evocação de triunfo enquanto da nossa terra parte para os ceus que cobrem acampamentos de soldados da liberdade, o nosso hurrah pela victoria dos aliados, um grito que é do coração nosso:
— Viva a Republica!

MARCIAL ERMITÃO

Dr. Mario José dos Santos

Para sub-delegado do procurador da republica na Louzã, foi ha dias nomeado este nosso estimado amigo, facto por que muito o felicitamos.

Gralhas

O artigo de fundo do nosso principal e estimado colaborador sr. Carvalho Araujo, devido ao imenso trabalho que nos deu a recepção ao grande português Leote do Rego, saiu com algumas gralhas importantes, do que pedimos desculpa.

Entre essas gralhas rectificaremos algumas de mais vulto: reduziu por seduziu e com essa fase por com enfuse.

Ha ainda outras pequenas coisas que não vale a pena emendar.

Dante Alighieri

Em virtude do imenso espaço que nos levou a conferencia do grande português Leote do Rego, este nosso amigo continua o seu folhetim para o proximo numero.

Marcial Ermitão

Foi promovido a aspirante do Exército e colocado no 28 de infantaria este nosso presado amigo, quartanista da Faculdade de Direito. Em breves dias este nosso amigo pedirá a sua transferencia para a Faculdade de Lisboa.

Se um facto nos enche de alegria, o outro nos penalisa sobremaneira pois vemos que dia a dia se vai enfraquecendo a causa republicana na Academia de Coimbra, perdendo em tão pouco tempo alguns dos seus melhores combatentes.

Federação Mundial de Académicos

Realizou-se, na passada terça-feira, a festa de inauguração da Sêde Provisória, em Coimbra, da Federação Mundial. O salão, onde vimos grande concorrencia de académicos e algumas gentis damas, decorreu magnifico.

Fez uso da palavra o sr. Miron A. Clark, que num brilhante discurso, expôs os fins de tam prestimosa colectividade.

A parte musical foi tambem esplendida, tendo o prazer de ouvirmos o apreciado violinista Adriano Saraiva e a distintissima pianista Ex.^{ma} Sr.^a D. Haidee de Andrade e Melo, discipula de Viana da Mota, que magistralmente interpretaram alguns trechos clássicos de Liszt, Chopin, Schumann, Svendsen, Bachmaninoff, etc.

Ao sr. Miron A. Clark, as nossas felicitações.

Peixoto d'Alarcão

Para a Faculdade de Direito de Lisboa transferiu ha dias a sua matricula, este nosso estimado amigo, partindo para aquela cidade no comboio rapido das 20/50 de quarta feira, tendo uma despedida muito afectuosa por parte de todo o pessoal desta redacção, que vê na sua ausencia a falta dum vibrante e intransigente batalhador da ideia republicana.

Partiu o Vidinha, o Ribeiro dos Santos, o Peixoto d'Alarcão, republicanos de fina tempera, e dentro em pouco o Marcial... É triste. Coimbra ficará assim reduzida a um viveiro de meninos de côro e o paiz terá duas Faculdades de Direito para todos os gostos politicos... É sintomatico.

ANUNCIOS

Encadernador

Precisa-se com bastante pratica e que saiba dourar. Garante-se sempre serviço.

Carta a esta redacção com as iniciais A. M.

Tomás Trindade

COM ESTABELECIMENTO DE
Tabacaria -- Papelaria -- Lotarias -- Perfumarias
CENTRO DE PUBLICAÇÕES

Jornais -- Ilustrações
Revistas nacionais
e estrangeiras

Deposito da Imprensa Nacional
Para venda das publicações e impressos
do Estado

POSTAIS ILUSTRADOS
Lindas colleções em fantasia
e vistas de Coimbra

Deposito de aguas Minerero-Medicinais

Aguas ao copo

Deposito da Cevada do Cairo

Carimbos -- Cartões de visita

COIMBRA
Largo Miguel Bombarda, 13, 15 e 17
Telefone n.º 559

FARMACIA DO CASTELO

Deposito de produtos fotograficos da Casa Foto-Bazar do Porto.

Creme dentrifico.
Especialidades farmaceuticas
nacionais e estrangeiras.
Instrumentos cirurgicos, etc.

Relojoaria Comercial

DE
Adolfo Pinto de Sousa
Praça do Comércio, 60
COIMBRA

Neste estabelecimento ha sempre para vender um completo sortido em relógios de bolso, mesa, parede, e despertadores.

Encarrega-se de todos os concertos de relojoaria garantindo os relógios vendidos ou concertados.

IMPORTADORA TELEFONE n.º 350

Cipriano Leão & Comp.ª

Importação directa
De cutelarias, ferragens finas, armamentos, munições de caça e hem assim uma infinidade de artigos indispensaveis ao uso domestico.

Rua Ferreira Borges, 52
COIMBRA

Muraline

Tintas inglesas a água. As mais higienicas e resistentes ás intempéries e as que maior consumo tem em Portugal, para interior e exterior de prédios.

Karsonite

Tinta branca a água. Apropriada para encobrir as manchas das paredes e do fumo.

La Bele

Esmalte finissimo em todas as cores, as mais finas e garantidas para interiores e exteriores dos prédios.

CASA DEPOSITÁRIA

ESTABELECIMENTO DE FERRAGENS E TINTAS

ANTONIO FERREIRA PEREIRA

141 - Rua Ferreira Borges - 145
COIMBRA

Telefone n.º 250

Tipografia Literária

Rua Candido dos Reis, n.º 17, 19 e 21 — COIMBRA

Esta tipografia que possui os mais modernos maquinismos, movidos a vapor, está pronta a executar todos os trabalhos gráficos, primando pela perfeita impressão em gravura e a cores

Trabalhos tipográficos em todos os géneros
Impressão de revistas, jornais, lições, cartões de visita, envelopes, recibos, facturas, diplomas, papel timbrado, etc.
EXECUÇÃO RAPIDA

Barbearia Universal

BAZILIO DINIZ

147, Rua Ferreira Borges, 149

Coimbra

Telefone n.º 245

O primeiro estabelecimento do país

Perfumarias nacionais e estrangeiras

ESCRUPULOSO ACEIO

Desinfeção rigorosa de todos os utensílios que servem aos clientes

Casa luxuosamente mobilada

Extraordinária comodidade

Empregados devidamente habilitados, podendo dizer-se afoitamente que tanto no país como no estrangeiro não pôde encontrar-se uma casa congénere, que ofereça ao publico maior garantia de limpeza, seriedade, accio e conforto. * * * * *

Casa J. DA FONSECA

Praça 8 de Maio, 8 e 10
Rua V. da Luz, 1 — COIMBRA.

Pianos Gaveau

Bicicletas B. S. A. e Peugeot
Maquinas de costura

Instrumentos musicos, e seus accessorios, musicas, etc.
Alugueis e vendas a prestações
Descontos a revendedores

Economia — Garantia — Seriedade

Correspondente da Companhia de Seguros
Comercio e Industria

CAPAS E BATINAS

Fatos e sobretudos para inverno

Novidades sensacionais

Quereis moda e economia? * * *

Ide comprar ao único estabelecimento de mercador que existe em COIMBRA, de

AUGUSTO DA SILVA FONSECA

Praça 8 de Maio, 43 * Rua da Sofia, 2 a 8

Machinas SINGER para coser

ESCRITÓRIO CENTRAL

Rua Ferreira Borges — COIMBRA

ESTABELECIMENTOS

COIMBRA — Rua Ferreira Borges, 12
GUARDA — Rua Alves Roçadas
COVILHÃ — Praça 5 d'outubro, 17 a 19
CASTELO BRANCO — Rua Pina, 32

LEIRIA — Praça Rodrigues Lobo, 43 a 44
FIGUEIRA DA FOZ — Praça da República, 8
SOURE — Rua do Relogio
LOUZÃ — Rua do Comércio

OS MAIS LINDOS POSTAIS VENDEM-SE NA

Tabacaria e Papelaria

CRESPO

Grande variedade em tabacos nacionais e estrangeiros
Bilhetes de visita
Revistas e jornais nacionais e estrangeiros
Artigos para pintura, desenho e escritório

Telefone, 275 * 27, R. Ferreira Borges, 29 * COIMBRA

ALFAIATARIA * *

* Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56
COIMBRA

Casimiras nacionais e estrangeiras, luvas, gravatas, pingas e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

Abilio Lagoas COIMBRA

32, Praça do Comercio, 33

Escritorio de comissões e consignações

Correspondente de Companhias de Navegação

Vende passagens em todas as classes para todos os pontos do Globo.

A Revolta

Assinaturas

Continente, ilhas e ultramar, trimestre... 485

Estrangeiro... 570

Pagamento adiantado

Numero avulso... 402

Anúncios

Preços convencionais. Anunciam-se todas as publicações do que se receber um exemplar.

FRANÇA & ARMENIO

Livreiros-editores

Rua Ferreira Borges, 77 a 81 — Arco d'Alameda, 2 a 4

COIMBRA

Esta livraria tem um grande sortido de livros tanto nacionais como estrangeiros. Compendios adoptados na Universidade, nos Liceus, Seminarios, Escolas Agricolas, Normais e Primarias.

A LUZITANA

JOAQUIM CRISOSTOMO DA SILVA SANTOS

Officinas: Patio do Castilho — Telefone n.º 487

As mais completas officinas de marceneiro, polidor, entalhador, torneiro, estofador e colchoeiro

MAGNÍFICO SORTIDO

de moveis de ferro e madeira, estofos, colchoaria, oleados, tapetes, brises, jutas, panos de mesa, etc.

ARMADOR ESTOFADOR

Grande sortido de moveis de ferro e colchoaria. Fazem-se arçamentos para mobiliários completos. Responsabilidade efectiva pelo perfeito acabamento de qualquer mobilia.

As mais elegantes, lindas e sólidas

mobílias são as confeccionadas na LUZITANA

MOBILIAS COMPLETAS

Fazem-se Estores, Sanefas, Reposteiros, Estores bordados.

CASAS DE VENDA E EXPOSIÇÃO

R. de Quebra Costas, 2 — R. Fernandes Tomaz, 1 a 11 — COIMBRA

A REVOLTA



Pela Pátria e pela República

Jornal Republicano Académico

ANO 4.
DIRECTOR — Zacharias da Fonseca Guerreiro
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua das Covas, 15

COIMBRA — 11 de Março de 1916

Propriedade do Grémio A REVOLTA
Composição e impr., TIP. LITERARIA — R. Candido dos Reis
EDITOR E ADMINISTRADOR — SILVA RAPOSO N.º 68

NA GUERRA

Portugal saiu finalmente da triste situação de incertezas em que se debateu durante quasi dois anos duma guerra tão profundamente afectando os seus destinos. A neutralidade representaria para si um sacrificio mais doloroso que a guerra: levá-lo-ia a uma ruína imbecil, a uma morte sem honra. A guerra era o seu caminho indicado desde o primeiro dia da conflagração. Estamos na Guerra! Nesta hora a Patria deve constituir a unica preocupação de todos os portugueses, abatidas as bandeiras politicas, os odios convertidos em amor, unidos todos os braços e corações no mesmo esforço e na mesma aspiração. **VIVA PORTUGAL!**

Politica de vivos

Afirmou-se em 5 de Outubro de 1910 a vitalidade nacional, por muitos posta em duvida. A Republica é a sua expressão politico-juridica. A monarchia constitucional fora durante largos anos, uma agonia com decomposição. Pareciamos haver esquecido a nossa historia; duvidavamos todos das energias latentes da velha raça heroica. Morriamos na paz das capelas dos cemiterios. Proximo, abria-se a cova. As camadas dirigentes tinham perdido o contacto com a nação.

Recolhida, ela preparava-se. Os superficiaes e os pessimistas criam que apodreciamos.

Um dia, a metralha acordou as entorpecidas camadas dispostas á morte doce, no quietismo dos seus logares mediores, encapsuladas num egoismo invencível. Uma monarchia velha de sete seculos ruiu nos seus fundamentos, caiu na vergonha da deserção e da fuga, tombou como um fructo podre. O que era morto pulverisou-se perante o arranco de vida, que afirmava os seus imprescritiveis direitos. Surgiu um Portugal renovado. Apesar das revoltas periodicas dos estomagos e das vaidades, como uma corrente que salta um dique e, livre, segue para os seus destinos, apareceram as forças da nação; nos grandes reservatorios de energia que são as massas populares indomnes do contagio da morte, encontrou o país a vontade de desenvolver-se, de recuperar o tempo perdido; os capitais procuraram emprego, o commercio, a industria marcaram os prodromos do rapido desenvolvimento. Portugal existia, livre, consciente da sua força, ligara-se ao Passado, tão luminoso e festivo de gloria, compreendeu de novo a palavra alada da sua epopeia.

A politica internacional monarchica, reflexo dum regime moribundo, fora de estagnação. Ninguém via as direções gerais a imprimir-lhe, ninguém tinha coragem para sondar o futuro, porque, por mais que olhassem, viam a linha fina dos ciprestes

de cemiterios. Era um país condenado. D. Carlos chamava-lhe piolheira, os mocinhos afidalgados riam-se dele nos *raouts*, elegantes e perante estrangeiros, sem reboço, mofavam da Patria. Apenas Emidio Navarro, que tivera a previsão dos nossos destinos, aconselhara a formação dum grande exercito de 200 ou 300.000 homens com que podessemos garantir a surpresa dum ataque, ou na guerra europeia que ele previa, valorisássemos a nossa aliança com a Inglaterra, fornecendo-lhe uma força militar importante.

A monarchia não o escutou. Dos cofres do tesouro, era mais proveitoso que saísse dinheiro para as bambuchatas do grosso Bragança, para a engorda das clientelas famelicadas. Pois que se encaminhara para a Morte, que a jornada fosse sem inquietações nem canceiras.

A Republica não pode furtar-se ao imperioso dever de proseguir no caminho que lhe marcou a revolução. Temos que fazer uma politica de vivos, á custa de quantos sacrificios forem necessários, defender o nosso futuro e o nosso passado, caminhar para os altos cimos que já ocupamos, embora na subida áspera algum de nos caia para não mais se erguer. O país quer viver, o país ha-de viver.

Façamos a politica de vivos!

HENRIQUE DE VASCONCELOS

Aniversário Natalício

Na passada quinta-feira, completou 26 bem empregadas primaveras o nosso querido companheiro de redacção Silva Raposo.

Como sinceros amigos e admiradores das primorosas qualidades de educação, de espirito e de caracter que exornam a sua bela alma, não podemos deixar passar este ensejo sem que o felicitemos num efusivo abraço.

Que o seu aniversário se repita ad multos annos, com saúde e mil venturas, são os votos que cordialmente fazemos pelo infatigável companheiro de trabalho na causa da Republica.

LEOTE DO REGO

O nosso jornal presta hoje a mais sincera homenagem ao grande portuguez Leote do Rego, prestigioso comandante da Divisão Naval, que, em todos os transes dificeis da Republica e da Patria, os seus



braços coherentes com as suas afirmações, tem sabido ocupar o primeiro logar na vanguarda dos combatentes.

Leote do Rego reúne todas as qualidades e virtudes que impõem um cidadão ao respeito publico e á consideração da Historia.

Costuma o successo conceder a sua graça a individuos cujo mefecimento apresenta um só aspecto, quasi sempre revertendo em proveito pessoal e em serviço duma Arte, cuja belesa e inutilidade encanta alguns felizes e eleitos, nas horas da ociosidade.

O Konell, Thomaz Aniello, Spartaco, são a força bruta, o musculo vingando-se duma dor fisica, quebrando o chicote que os magoa, o homem reduzido a um instinto de conservação, quasi animalizado e feroz.

Que diferença ha entre Cicero e um bom cantor de Opera? São dois temperamentos anormais, desequilibrados, monomaniacos, em busca da harmonia do som. Alem, está a força;

aqui o sentimento, considerados, no seu isolamento, como dois abortos, simbolizados em Milon de Crotona e em Francisco de Assis.

O homem é tanto maior quanto mais complexas e va-

riadas são as suas qualidades. Ha oradores que aparecem af nos comícios, desabrochando oratorias inflamadas, aticando as multidões á carga: são os primeiros a faltar na hora decisiva! E' um pernicioso exemplo dado ás multidões, norteadas em todos os tempos pelo paralelismo da imitação.

«Olhai para o que eu digo e não para o que eu faço»: eis a fórmula capciosa de Frei Thomaz.

Ha homens de ação, reservados, inflamados d'amor pela Humanidade, apaixonados até á loucura pela Liberdade, ardendo numa revolta constante contra as iniquidades sociais ainda infelizmente por tantos séculos a oprimir a vida, convertendo em prantos o que deveria ser um hino. Prototipo: Suvarine. São os primeiros a comparecer.

E' contraproducente. O primeiro caracter da violencia é a precipitação; e as Revoluções não são violencias, mas evolução, força, continuidade,

pensamento e ação combinados.

E a obra social é tamanha, tão extraordinaria, que só a persistencia, a inteligencia e a força combinadas poderão demover os enormes obstaculos. Leote do Rego reúne todas as qualidades que o impõem, como um justo valor, ao respeito dos seus concidadãos. Como orador e como jornalista ele tem aparecido destemidamente nas horas dificeis, em varias conferencias, nas colunas da *Montanha*; o seu braço não tem faltado tambem quando é necessario enviar duas granadas sobre os inimigos da Republica e da Liberdade; como soldado, ele é um dos mais distinctos officiaes da nossa Armada, condecorado com todas as medalhas de honra e valor militar e a que o governo em portaria de louvor pelo sr. ministro da Marinha, acaba de enaltecer, pela bravura e pericia, pela maneira inteligente, distincta e patriótica como dirigiu e organizou a posse dos navios mercantes alemães, surtos no Tejo.

Leote do Rego tem inimigos. E' proprio dos grandes homens e é tambem por isso que muito o admiramos.

Ha um proverbio indiano que diz: «As grandes torres medem-se pela sombra que projectam, como os grandes homens se medem pelo número de inimigos.»

Henrique de Vasconcelos

No presente numero e por intermedio do nosso colaborador principal Carvalho Araujo, inicia a sua colaboração na *Revolta*, este illustre deputado, grande jornalista portuguez.

Tratando-se d'um nome que tão sobejas provas de talento tem manifestado nas colunas do *Mundo* e da *Patria*, é de prever o agrado e o desejo com que será recebida a notavel visita, que constitue, sem duvida, um intimo regosio para todos os amigos da *Revolta*, assim honrada e abrilhantada com joias raras.

A REVOLTA

Vende-se em COIMBRA, na alta, na Casa Feliz; na Baixa, nas Tabacarias Crespo e Tomás Trindade; em LISBOA, Tabacaria Monaco; no PORTO, Tabacaria Rodrigues (Passeio das Cardosas.)

AMPULHETA DA MORTE CARTA NEGRA

Antes de enrarmos propriamente na materia a expender, é oportuno exarar, para edificação da opinião publica, que algum, que como nós, muito ama a disciplina republicana, se propoz finalisar este conflicto, evitando a especulação do adversario comum, que, para nos combater basta recortar, com alguma habilidade, as nossas afirmações e atitudes. Trata-se do velho republicano e esplendido caracter, sr. Gil Pereira Gonsalves, que nos procurou num dos dias da semana passada, expondo-nos os inconvenientes desta questão, e cujo alcance já tihamos avaliado. Este nosso amigo propoz a seguinte solução do conflicto:

A Resistencia publicaria esta declaração:

«Informados de que alguns dos nossos artigos tem sido mal interpretados, declaramos que neles não ha materia ofensiva para a dignidade pessoal e politica de Zacharias Guerreiro e Fernando d'Araujo».

A seu turno, nós publicariamos o seguinte:

«A Revolta, ao tomar conhecimento da declaração inserta no n.º... da Resistencia, declara tambem que, com a publicação de alguns dos seus artigos, não teve outra intenção senão a de desagrar a dignidade pessoal e politica do seu director Zacharias Guerreiro e redactor Fernando d'Araujo. Nestas condições damos por terminado o incidente».

Pelo nosso muito amor á disciplina republicana, e por nos desagradarem completamente os espectaculos lamentaveis de que certos trapalhões e caluniadores estão fazendo gala para desprestigio duma causa que julgam defender, apoiámos, cheios de contentamento (não... de medo!) a solução proposta.

Na sua missão conciliadora e habil, e julgando tratar com pessoas decentes e bem intencionadas, o sr. Gil Gonsalves aborou o director de A Resistencia, sr. Falcão Ribeiro, expondo-lhe as suas intenções. — Este senhor Falcão, com pretensões a rabula pegajosa dum advogado ás moscas, e tendo pelos seus cabelos brancos a consideração que teria por uns tortulhos que lhe fossem amadurecendo no alto do bicudo aparelho das ideias, sacou as ventas para o lado casmurro numa pertinacia de burro velho, a mais imbecil e torpe negativa.

E' bom constatar, a pretexto de fornecermos notas interessantes a algum filosofo politico que se proponha realisar o balanço da epoca, que o caluniador e difamador sr. Falcão Ribeiro, continúa a biografia de furtivos, dos tempos da monarchia. E, agora, recapitulando:

Procurámos, a seu tempo, o sr. Falcão Ribeiro, director de A Resistencia, para que justificasse as afirmações ou engulisse a difamação, de que nos fizera alvo. — Atendemos amavelmente, prontificando-se á isso, vendo nós que o seu jornal reincidia nos insultos, ateiando a discordia. Não tiramos conclusões.

Procurou o sr. Gil Gonsalves o director de A Resistencia, propondo-lhe uma solução airosa do conflicto, solução, que pelo nosso muito amor á disciplina, nos prontificámos a aceitar. O director de A Resistencia negou-se terminantemente, obstinando-se nos seus propositos avingrados duma discordia desejada e alimentada por odios e rancores biliosos da parte de pessoas que de nós não tem um unico agravo. Nada concluímos. Esta documentação vai a titulo de registo.

Agora vamos ao resto: Em obediencia ao metodo demos aqui logar á seguinte carta, por mim dirigida ao individuo a quem appliquei duas bofetadas, carta que é uma resposta ao seguinte cartão:

«Carissimo Araujo»
«Acaba de chegar o Dr. Pires

de Carvalho que propositadamente veio de Lisboa para assistir á reunião conjuncta das comissões que amanhã, sabado, se realisa.

Haverá, amanhã, tambem uma reunião preparatoria na Penitenciaria e em que é indispensavel a sua presença. O Dr. Pires pediu-me para o avisar a si e por isso venho importunar. Espero pois que o meu caro não falte amanhã ás 14 horas na Penitenciaria. Com um grande abraço sou seu amigo e admirador — Joaquim Gualberto de Melo.

Imensamente aborrecido pela insistencia com que era assediado para assumir a direcção dum novo jornal a que, de principio, me recusei em carta dirigida ao meu amigo e excelente republicano Antonio Pires de Carvalho Junior, respondi:

«Ex.º Am.º — Dentro de tres semanas não mudarei da minha opinião exposta ao Dr. Pires de Carvalho na Penitenciaria. Trago em cima dos hombros uma coisa que serve para pensar. Se quiserem que o jornal sala antes escusam de contar comigo para coisa alguma, pois são-me desagradaveis desastres de qualquer natureza. O Debate e a gente do Debate e Arthur Leitão derrotam-se com estrategia e não com arruaças».

O Debate derrota-se fazendo um outro jornal mais democratico, melhor escrito, sem esvaziamento de pequeninos odios e questionculas minimas que terão a virtude de enterrar irremissivelmente o Dr. Pires de Carvalho e os seus amigos. Não quero saber como pensam a este respeito. E' este o meu pensar e repito: esperar! com audacia, astucia, pericia e odio hipocrita. Não posso sair de casa. Estou cuidando de coisas muito serias. Até amanhã e queira desculpar quem muito o considera — Fernando d'Araujo».

Ora passemos agora a analisar detalhadamente um documento, tão deslealmente publicado, tão imbecilmente comentado numa linguagem d'entulho, propria de carroceiros, sem pretendermos suggestionar com o brilho das letras e argumentos capciosos, os nossos leitores, justificando cada uma das nossas afirmações, que são uma resposta e obedecem a um motivo. — Recortemos periodo por periodo:

«Dentro de tres semanas não mudarei da minha opinião exposta ao Dr. Pires de Carvalho na Penitenciaria».

Onde existe aqui um facto, uma palavra, uma frase, um gesto, um sorriso, um crime que possa servir de base a uma condenação moral? Vê-se claramente que me quizeram impellar á pratica dum acto que pretendi adiar por algum motivo. (Depois conto a historia!)

«Trago em cima dos hombros uma coisa que serve para pensar».

Onde existe aqui um vislumbre de immoralidade, de preversidade, de criminalidade, de falsidade, que sirva de base a uma condenação moral? Vê-se claramente que me pretendiam iludir e que eu estava resolvido a ter ideias. (Depois contarei a historia!)

Se é crime ter cabeça e pensar, nada me custa declarar que os difamadores são brutos ou comem herva.

«Se quiserem que o jornal sala antes escusam de contar comigo para coisa alguma, pois são-me desagradaveis desastres de qualquer natureza».

Não sejam patifes! Digam: onde existe aqui uma letra, um esgar, um suspiro, um bocejo, que possa servir de base a uma condenação moral? E' uma repetição da primeira frase. O exame minucioso e honesto das questões impaciente, os miseraveis,

Estou a ve-los a morder as beicarras, resmungando: *adiante... adiante!* Vamos lá adiante!

«O Debate e a gente do Debate e Arthur Leitão derrotam-se com estrategia e não com arruaças».

O fim deles era esse! esmagar O Debate, com petrolices e infamias a que me não prestaria, jornal, que, segundo me diziam, os atacava traiçoeiramente: derrotar o Ex.º Sr. Dr. Arthur Leitão, inteligente Deputado e vigoroso jornalista, (de quem nada pretendo) que não tenho a honra de conhecer e de quem me contavam negras historias, usando dos seus conhecidos processos de difamação e calunia! O que eu ouvi!... Suponham-se as peiores abjeções deste mundo! Quasi me comiam quando eu apresentei a ideia de realisar uma conferencia a que assistiriam os srs. Dr. Arthur Leitão, Dr. Antonio Leitão, Dr. Pires de Carvalho, sr. Eugenio Sales e eu!...

Chegaram mesmo a considerarme um doido quando eu propuz uma entente com O Debate, afim de a direcção deste jornal ser confiada a mim e ao sr. Eugenio Sales! Vi com quem lidava! Falei-lhes ao sabor. Um bom propagandista do livre-pensamento não diz ao carola que o seu Deus é um patife, que a sua religião é uma monstruosidade! Não! Um propagandista inteligente começa por concordar! por louvar! solidarizando-se! inspirando confiança, para, na argumentação do combate e da destruição, encontrar a mesma... delicadesa! a mesma... transigencia!... Já viram tudo? E' que ao passo que eles tinham um plano, eu tinha um outro bem diverso e mais grandioso, como depois contarei?

Os meus amigos Videira, Zacharias e Raposo conhecem bem essa historia e sabem muito bem que eu nunca poderia tomar a direcção desse jornal por uma pessoa de familia me haver aconselhado desde principio a abstenção mais completa na politica de Coimbra.

«O Debate derrota-se fazendo um outro jornal mais democratico, melhor escrito, sem esvaziamento de pequeninos odios e questionculas minimas que terão a virtude de enterrar irremissivelmente o Dr. Pires de Carvalho e os seus amigos».

Onde ha aí um homem, um politico, um republicano que não veja nesta frase uma attitude digna, leal e exemplar?

A um combate de odios e miserias eu... preferia um combate de competencias. E' isto um crime? Eles queriam atacar O Debate com processos miseraveis; eu dizia referir a esses processos a competencia.

«Não quero saber como pensam a este respeito».

Daqui se vê já a pouca consideração que eu lhes ligava... Fui ainda generoso, que eu, em verdade, não sei se uma noz chocha poderá realisar a função do pensamento... Não resalta desta frase um desprezo evidente?

«É este o meu pensar e repito: esperar! com audacia, astucia, pericia, e... odio hipocrita!».

Estou a ver o conselheiral aspirante ao Governo Civil de Leiria (o homem da guerra...), mail' o advogado ás moscas, mail' o aspirante a Governador Civil de Coimbra (abalizado alfaiate nesta localidade), e mais um certo mestre-escola que, pelo seu amor á Republica, acreditava nas acusações do João de Freitas, ao dr. Afonso Costa, meando conjuntamente a cabeça e dizendo ao publico: **That is the question!**... Este **Odio Hipocrita**, não passando, afinal, de uma frase de *tapar buracos*, que ninguém será capaz de me explicar, revela apenas o meu proposito, de inspirar-lhes a minha confiança, fingindo participar dos seus principios e opiniões, hipnotizando-os com essa sedução de palavras que para o pensador, são como a capa de matador de touros!...

Os meus amigos de O Debate, onde apenas tenho encontrado delicadesa e consideração pela minha pessoa, terão rido dessa frase *tapa-*

buracos com que eu pretendia cegar os olhos das pobres *aves* que jantaria no dia seguinte!...

Odio ao Ex.º Sr. Dr. Arthur Leitão? Como? se eu nem o conheço pessoalmente?! se ele nem sabe que eu existo neste mundo?! A proposito da palavra hipocrita lembro uma passagem de Camilo, muito interessante e que vai para amenisar:

Num primeiro andar altercam genro e sogra. O genro (não é o guerreiro!) implica com a sogra chamando-lhe *hipocrita*.

No rez-do-chão, uma creada metediça, diz á filha da patroa:

— Ouve, menina? está a chamar *Hipolita* á sua mãe! O disparate! Mas... adiante: vai tudo a seguir:

«Não posso sair de casa. Estou cuidando de coisas muito serias. Até amanhã e queira desculpar o que muito o considera».

E' no não? é no posso? é no sair? é no estou? é no cuidando? é no até que está a tal immoralidade? O' homens honestos! a vossa honestidade e a vossa virtude naufraga como um pandeiro entre difamadores e bandidos!

Após a recepção desta carta foram os miseraveis ao Centro Democratico onde, pela boca do sr. Costa Ramos, Dr. Dias Pereira e etc., teceram os maiores elogios ao meu caracter, á minha *competencia jornalística*, á minha fé republicana, no que me fizeram apenas justiça pois já me sei de ha muito um homem nestas condições, e que melhor sorte devera ter que a de replicar a patifes e bestiaças que dizem *facinora* e escrevem *Houvir*, e querem ser governadores civis, sendo alfaiates e farmaceuticos!...

FERNANDO D'ARAÚJO

P. S. — Porque alguns entendedores de vista curta ou maldade muito comprida interpretaram mal as nossas palavras acerca da nossa entrevista com o distinto advogado sr. dr. Paredes, diremos mais claramente: Procurámos o sr. dr. Paredes. Sua Ex.ª não tomou conta da questão em virtude de ser amigo do dr. Falcão Ribeiro.

Preguntei-lhe quanto seria preciso gastar para tentar uma questão contra os difamadores da Resistencia, junto doutro advogado. Sua Ex.ª disse-me que seria preciso dispor pouco mais ou menos de 300 escudos. Entendido? Por quem lá tem!

Estamos fartos de aturar camelos!

F. A.

Dr. Marnoco e Souza

Continua assustador o estado de saúde do illustre professor da Faculdade de Direito na Universidade de Coimbra, esperando-se a cada momento o desenlace fatal.

Figuras históricas

A Laura de Petrarca

Acabo de meditar a última página da obra italiana de etreros: — E digo da obra italiana, escrita no musical dialecto florentino, porque os seus poemas clássicos, escritos em latim, nessa linguagem que tem sido o grande supplicio dos meus doze anos de escolar, não são muito de molde a prender a attenção de gente nova.

Acabando de ler os versos to incomparavel lirico, eu verifiquei que é para Laura que convergem todas as suas atenções. Na verdade, em quase todos os seus sonetos, canções, odes, sextilhas, baladas, madrigais, nos fala constantemente daquele vaporoso vulto feminino, dos seus olhos brilhantes, «que despiavam as trevas em volta dela», das suas faces alvas, castamente ruborizadas, da sua boca angélica, «cheia de pérolas, rosas e suaves lavras», de suas mãos finas e brancas, do seu andar e dos seus sorrisos, da sua saúde e das suas lágrimas...

Mais: o genial artista, afrontando o juizo critico da posteridade que havia de exprobar-lhe o origi-

nal artificio, intencionalmente desce a combinações de ritmos e rimas, pelo prazer de repetir muitas vezes, num mesmo verso, o nome da sua diva, como no soneto em que diz:

«Laura che'l verde lauro e l'aureo crine».

Sendo assim, parece que resultaria tarefa bem facil, para um leitor de Petrarca, reconstituir Laura, fisica e psicologicamente, num perfil completo, de realidade e de beleza. Mas não; falando mais de la do que de si, o poeta diz-nos mais de si do que dela. Vemo-la antes como um belo fantasma do que como uma linda mulher: um perfil vago e fugidio, adorado e lindo, uma sombra obscecante e inatingivel...

Todos os encantadores traços que ele acumula para a pintar ficam esparsos, nunca se juntando: uma série de attitudes, nunca uma imagem concreta.

Destarte, impossivel se nos afigura o formular um juizo certo sobre o caracter e psicologia daquella que era

«Palida no, ma piu che notte bianca»

porque os seus proprios sentimentos nos apparecem incertos, hesitantes, cheios de incoerencia e misterio.

E, no entanto, foi a paixão do poeta por essa tão graciosa quão enigmatica mulher, e o desejo de eleva-la aos páramos da gloria, num monumento em que a cantou como nenhuma outra já mais fora cantada, foi essa ansia de amor insatisfeita que o gerou para a immortalidade que o maior lirico da História Literaria de todos os povos.

Petrarca amou sem que realmente fosse correspondido. Foi um torturado. A História continúa a pôr a virtude de Laura acima de toda a suspeita, apresentando-a como uma virtuosa, fria e coquette, com inexplicaveis retraimentos, alternados de raros momentos de benevolencia em que o poeta era acolhido amigavel e carinhosamente.

De começo a paixão de Petrarca deve ter tido um caracter sensual; mas a virtude e a frieza de Laura não tardaram em conter e refrear o indisereto ardor do poeta. Ela, contudo, sempre indecisa, nunca pôs completamente de banda a amizade do seu requestador. Assim, ele soffria atrozmente o seu profundo e sincero amor, tornando-se cada vez mais ideal a sua paixão estranha. Por toda a parte, a perseguiram-no, os divinos traços desta mulher!... E' ver os acessos de melancolia das *Rime*, em cujas estrofes transpira um enorme desalento, o desejo de fugir para a solidão e a propria ideia do suicidio.

Após a morte de Laura, — justamente 21 anos depois do primeiro encontro — após essa violenta explosão de dor, como que tudo se apasigua e harmoniza no coração do poeta. Livre do amor-peccado, passa a viver da imaginação e do sonho.

Idealiza uma ventura adequada ás suas aspirações.

E nunca Laura nos apparece tão humana, tocante e viva — velando, do céu, pelo poeta qual outra Beatriz, vindo visitá-lo durante o sono, consolá-lo, acarinhá-lo, apontar-lhe o caminho da paz e da felicidade.

CARLOS MARTINS

José Augusto de Castro

Hora de julgamento

Oferecida aos combatentes da Revolta, e assim intitulada, temos para publicar no proximo numero, uma brilhante poesia, do grande escriptor republicano, José Augusto de Castro, illustre director do *Combate*. Como sempre, o querido Mestre, explende n'uma elevação imponente, imprimindo á forma o toque da beleza, e ao pensamento o fervor d'um profeta, a liberdade e a Humanidade soerguidas á espiritualisação dum culto divino.

Sport-Club e Club Recreativo

Decorreram animadíssimos os bailes que pelo Carnaval se realizaram nestas prestimosas agremiações.

A Direcção dos mencionados Clubs agradece a Revolta os convites com que nos honraram.

SECÇÃO LITERÁRIA

PÁTRIA!

Erga-se o Povo Luzo! Ao longe, em nevoa baça,
Embedada nos heróis o sangue dos reveses!...
São os nossos irmãos, filhos da mesma Raça!
—As armas, Portuguezes!

Quem é que os de Viriato insulta e ameaça,
Se, em nós, grita o ardor dos fortes montanhezes?
Vinde ouvir os clarins do batalhão que passa!
—Na epopeia do Sol fulgurações d'arnezes!

E, quando a nossa Nau já for singrando a espuma,
—Que Imagens nos evoca uma mulher de bruma,
Que a gente vê, na praia, enternecida e presa?!...
—De joelhos, heróis, — eu beijo a cruz da espada!

Que Essa Noiva, Essa Mãe, Essa Visão Sagrada,
Que oha do Restelo?... — É a Pátria Portuguesa!

Não ha um céu azul, que tanto eduque a gente,
Como o céu, onde é um Barco a uza da andorinha!
Nem n'outra Rocha pulsa o craneo dum valente,
Nem n'outra Flor se esconde a Mão duma Rainha!

Não ha! não ha canção, tão lírica e dolente,
Nem tão doirado Sol, nem «mãe» como era a minha!
Que o Amor portuguez — ai! como é diferente!
Ninguém tem um amor, como o Amor que eu tinha!...

—O' Patria de Henrique!... É's a Visão do Sul!
Sonho, que á beira mar, mais alto se alevanta,
A tua Silhueta é a tua propria Historia!

E Aza, Amor e Sol, Canção e Céu Azul,
Tudo freme e murmura e reza e grita e canta,
No teu Perfil de Mãe, que é um Padrão de Gloria!

Coimbra

CELESTINO CUNHA

Henrique Videira e Melo

Está ligeiramente incomodado de saúde este nosso querido amigo e presado companheiro de redacção. Desejamos prontas melhoras.

Fatos e comentários

Traição

Qualquer palavra que nesta hora se diga contra a guerra; qualquer especulação politica que neste grave momento da nossa historia onse manifestar-se; qualquer tentativa de propaganda da coudardia e do medo serão considerados verdadeiros actos de traição. A luta politica é incompativel com um paiz em guerra, seja essa luta executada pelos processos mais nobres ou mais vis. A guerra é o derradeiro caminho da salvação da Patria. Qualquer obstaculo que se asteponha á marcha da redenção deverá ser decidida e severamente aniquilado. A pena de morte não é repugnante quando a justifica uma traição á Patria. O Governo é obrigado a tomar todas as medidas que lhe assegurem o cumprimento d'um mandato de tanta responsabilidade, ou deixará de ser um fraco para ser um cumplice. A imprensa deve ser imediatamente metida na ordem.

Diz o "Dia?"

«Alguem deve fazer penitencia: os que teem proclamado e preparado a ida para a guerra ou os que se teem esforçado por evitá-la, na previsão duma catastrophe nacional».

Ah! isto deixa de ser uma imbecillidade, um bluff, uma insignificancia, uma politiquice. É apenas traição á Patria!

O infame útor é livre? ainda é vivo?...
A Lei de Imprensa, nesta hora, não deve permitir tão abusiva licença!...

Miseravel!

Diz o Dia:

«Comeram, beberam, gosaram á lauta mesa da governança, enquanto a sua malta matava e feria, assaltava e prendia os adversarios!
Agora com tudo rapado, comprometido, empenhado e destruido, venham cá os adversarios ajudar a salvar... o que não tem salvação possivel!
Agora já todos são portuguezes! Quais todos?»

Não queremos discutir ou apreciar a falsidade, a infamia, a miseria destas palavras, fazendo a justica de não julgarmos ser esta a opinião de todos os monarchicos portuguezes. Perguntamos somente: ainda é livre o infame actuator? Mau caminho!

Agatão Lança

De passagem para o Porto, onde foi passar o Carnaval junto de S. Ex.^{ma} Familia, tivemos o intimo prazer de abraçar na Estação Velha, onde era aguardado por muitos companheiros e admiradores, este nosso estimado e simpatico amigo, distincto oficial da Armada, e interemerato republicano, que, pelo 14 de Maio, tão heroica e arrojadamente, poz a sua alma de revolucionario ardente ao lado da Patria e da Republica.

Celestino Pinto da Cunha

Com a magistral poesia *Patria*, inicia a sua colaboração na *Revolta*, o illustre poeta Celestino Pinto da Cunha, paratista da Faculdade de Direito, que de ha muito vem afirmando as suas raras qualidades de artista em varias publicações do paiz.

Ao vibrante e inspirado poeta, e ao sincero republicano, o nosso abraço de boas-vindas e o nosso agradecimento.

A "Voz da Mocidade"

Bravo! caros colegas de Setúbal. Toquem de lá estes ossos!...
Acabamos de ler o vosso editorial de 1 do corrente, com bastante prazer, porque vemos ali brio, apurmo e a consciencia do dever cumprido.

Muito bem! Folgamos com as vossas sinceras declarações, porque, por elas ficamos sabendo que ai, como aqui, ainda nem todas as esperanças estão perdidas. Nem toda a mocidade portuguesa se deixou anda subverter pelo cómodo doutrinarismo conservador e reaccionario que, pelo seu spêgo ao passado, parece desconfiar do futuro, negando a perfectibilidade social.

Com o vigor dos vinte anos e uma alma sa, é-se naturalmente o que nós somos e o que vós sois.
Deixemos que os fracos e os descorados sejam outra coisa.

Acreditamos agora que realmente vós canteis a *Portuguesa*, o brio da nossa raça e a esperança nos destinos da Patria.

E, posto isto, certamente já deveis ter compreendido que com as nossas palavras não quis a *Revolta* ser injusta para convosco e que, ao escrevê-las, apenas tivemos em vista o estímulo.

"Correio Literario"

Saiu o n.º 5 desta baratissima revista quinzenal illustrada que se publica em Lisboa, Rua Garrett, 36, 2.º, sob a direcção de CYMO DALCAN.

Traz variada colaboração, muitas respostas a consultas literarias, apreciações de peças de teatro e de livros, etc., etc.

DECLARAÇÃO

Em virtude da gravissima situação do momento e da inadiavel conveniencia da congregação de todos os esforços em volta do ideal supremo da salvação da Patria, adiaremos para momento mais oportuno a continuação da nossa defesa.

Fernando d'Araujo

AVISO

Quem tiver penhores em casa do falido Manuel dos Santos Pereira David queira reclamá-los até ao dia 13 do corrente, pelo processo de falencia, cartorio do 2.º officio.

O Administrador da massa fallida

Eduardo Ferreira Arnaldo

Por Espanha

Tendo a *Revolta* oferecido as suas colunas á colaboração dos estudantes republicanos, eu, que me conto no numero destes, de boa vontade aceito, quer já por necessidade espirital, quer tambem para lhe pagar, com a accitação, a gentileza da oferta! Tem a *Revolta* nobres tradições que a alma academica d'hoje manterá, mostrando assim que, na Universidade de Coimbra, ainda ha alguns meios que fazem excepção á regra geral, porque politicamente é taxado o velho estabelecimento d'ensino. E eu, que sempre tenho combatido a mentira, continuarei na *Revolta*, se os meus caros redactores assim o permitirem, a exteriorisar as minhas ideias, que trarão sempre, pelo menos, a maxima boa vontade em os ajudar.

Li, ha tempo, o artigo do brilhante pamphletario e jornalista Fernando de Araujo que a *Revolta* publicou em editorial e, com franqueza, eu tenho de agradecer áquele cavalheiro — que pessoalmente mal

conheço, o aperitivo, soberbo e delicioso com que ele brindou a *Revolta*, e com que esta, por sua vez, me suavizou o magro almoço de estudante.

E, na verdade, o jesuita, um cancro que deve ser tenazmente combatido, e que o sr. Fernando de Araujo fará bem, não deixando em socego, quer já os cavalheiros, quer já a industria, quer já o conjunto. Em Portugal, deixou o jesuita, não só a educação perniciosa e má que em breves anos nós veremos pejan-do as cadeiras d'ensino, mas tambem, os traços vivos duma civilização que caducou, por se basear na mentira, no odio e muito na desavidação.

E como isto, visto serem agnas passadas, nem sempre esteja presente, será bom dizer o que, em materia religiosa, se passa na visinha Espanha.

Tuy, que ha um ano visitei, ofereceu-se como exemplo, ao estudo minucioso de quem vá para ver. É uma cidadezinha de 12.000 almas, 4.200 das quais são padres, isto é, a miseria é manifesta e aterrador.

Na Sé, em que o tremor de terra de 1755, causou alguns estragos, infelizmente materiais, eu soube da existencia de 24 srs. conegos á 400 escudos por cabeça. O Bispo era uma creatura toda flamante, envolto num amplo manto de tomate maduro, e que recobria a insignificancia de 8.000 escudos por ano.

Isto é: emquanto em Valença se viam trajes garridos e a alegria e animação estampadas nas feições, passada a ponte, nós, com magua e sem bases que só depois colhemos, ficamos extaticos perante a miseria que se manifestava por todos os seus horrores. Os conventos ali são bastos. Na calle de l'Obispo Lagó, encontram-se par a par 2; um de frades, outro de freiras. Vi, e tenho bem presente ainda no meu espirito, talvez a scena que ali mais me revoltou: crianças de 7 a 12 anos correrem pressurosas a beijar a mão, que um frade nadio e gordo, da cor do presunto de Lamego, lhes estendia com um sorrisinho, que, se não fôra o receio de *la intervencion* seria abafado por uma mão portuguesa que calça lúvas de oitô e tres quartos.

Nas... ha mais e melhor!
Lá, en soube, que o superior do convento macho, estava a ares em Portugal. E soube ainda mais: Portugal deixa passar a fronteira, a dezenas de crianças que vão a educar nas escolas dos conventos, onde ficam se tiverem vocação, ou donde serão recambiadas com o ferrete jesuitico bem impresso.

Pelas 6 e meia horas da tarde, — horario de lá evidentemente — entrei na igreja parochial de S. Francisco, na *Corredera del Tuy*. Com pesar vi, que o centro da igreja estava repleto de crianças, que sentadas em bancos escolares, ouviam as predicas de padres, que alguém me disse serem portuguezes. Fica-

lhes aqui, em poucas e modestas palavras, o que eu vi em Tuy. Desnecessario será dizer-lhes que nunca vi em minha vida tanta padralhada. E ponto final por hoje.
Se, caros colegas, aceitardes a minha colaboração, publicando este artigo, tereis de ter paciencia pois que frequentemente me tereis a massar-vos.

LUIS PEREIRA

ANUNCIOS

AUGUSTO BAPTISTA e
TORQUIM DE CAMPOS
ADVOGADOS
Rua da Sofia, 15-1.º

FARMACIA DO CASTELO

Depósito de produtos fotograficos da Casa Foto-Bazar do Porto.
Creme dentrítico.
Especialidades farmaceuticas nacionais e estrangeiras.
Instrumentos cirurgicos, etc.

Relojoaria Commercial

DE
Adolfo Pinto de Sousa
Praça do Comercio, 40
COIMBRA

Neste estabelecimento ha sempre para vender um completo sortido em relógios de bolso, mesa, parede e despertadores.

Encarrega-se de todos os concertos de relojoaria
garantindo os relógios vendidos ou concertados.

A IMPORTADORA
TELEPHONE N.º 350

Cipriano Leão & Comp.

Importação directa
De cutelarias, ferragens finas, armamentos, munições de caça e hem assim uma infinidade de artigos indispensaveis ao uso domestico.

Rua Ferreira Borges, 52
COIMBRA

Muraline

Tintas inglesas a água. As mais higienicas e resistentes ás intempéries e as que maior consumo teem em Portugal, para interior e exterior de prédios.

Karsonite

Tinta branca a água. Appropriada para encobrir as manchas das paredes e do fumo.

La Bele

Esmalte finissimo em todas as cores, as mais finas e garantidas para interiores e exteriores dos prédios.

CASA DEPOSITÁRIA
ESTABELECIMENTO DE FERRAGENS E TINTAS
ANTONIO FERRERA PEREIRA
141 — Rua Ferreira Borges — 145
COIMBRA

Telefone n.º 250

Tipografia Literária

— Rua Candido dos Reis, n.º 17, 19 e 21 — COIMBRA —

Esta tipografia que possui os mais modernos maquinismos, movidos a vapor, está pronta a executar todos os trabalhos gráficos, primando pela perfeita impressão em gravura e a cores

Trabalhos tipográficos em todos os géneros

Impressão de revistas, jornais, lições, cartões de visita, envelopes, recibos, facturas, diplomas, papel timbrado, etc.

EXECUÇÃO RAPIDA

Barbearia Universal

BAZILIO DINIZ

147, Rua Ferreira Borges, 149
Coimbra

Telefone n.º 245

O primeiro estabelecimento do paiz

Perfumarias nacionais e estrangeiras

ESCRUPULOSO ACEIO

Desinfeção rigorosa de todos os utensílios que servem aos clientes

Casa luxuosamente mobilada

Extraordinária comodidade

Empregados devidamente habilitados, podendo dizer-se afoitamente que tanto no paiz como no estrangeiro não pôde encontrar-se uma casa congénere, que ofereça ao publico maior garantia de limpeza, seriedade, aceio e conforto.

Casa J. DA FONSECA

Praça 8 de Maio, 8 e 10
Rua V. da Luz, 1 — COIMBRA.

Pianos Gaveau
Bicicletes B. S. A. e Peugeot
Maquinas de costura

Instrumentos musicos,
e seus accessorios, musicas, etc.
Aluguéis e vendas a prestações
Descontos a revendedores

— Economia — Garantia —
— Seriedade —

Correspondente da Companhia de Seguros
Comercio e Industria

CAPAS E BATINAS

Fatos e sobretudos para inverno

Novidades sensacionais

Quereis moda e economia? ○ ○ ○

Ide comprar ao único estabelecimento de mercador que existe em COIMBRA, de

AUGUSTO DA SILVA FONSECA

Praça 8 de Maio, 43 — Rua da Sofia, 2 a 8

Machinas SINGER para coser

ESCRITÓRIO CENTRAL

Rua Ferreira Borges — COIMBRA

ESTABELECEMENTOS

COIMBRA — Rua Ferreira Borges, 12	LEIRIA — Praça Rodrigues Lobo, 43 a 44
GUARDA — Rua Alves Roçadas	FIGUEIRA DA FOZ — Praça da República, 8
COVILHÃ — Praça 5 d'outubro, 17 a 19	SOURE — Rua do Relogio
CASTELO BRANCO — Rua Pina, 32	LOUZÃ — Rua do Comercio

OS MAIS LINDOS POSTAIS VENDEM-SE NA

Tabacaria e Papelaria

CRESPO

Grande variedade em tabacos nacionais e estrangeiros
Bilhetes de visita
Revistas e jornais nacionais e estrangeiros
Artigos para pintura, desenho e escritório

Telefone, 275 * 27, R. Ferreira Borges, 29 * COIMBRA

ALFAIATARIA

* **Guimarães & Lobo** *

54, Rua Ferreira Borges, 56
COIMBRA

Casimiras nacionais e estrangeiras, luvas, gravatas, pingas e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

Abilio Lagoas

COIMBRA

32, Praça do Comercio, 33

Escritorio de comissões e consignações

Correspondente de Companhias de Navegação

Vende passagens em todas as classes para todos os pontos do Globo.

A Revolta

Assinaturas

Continente, ilhas e ultramar, trimestre	\$35
Estrangeiro	\$70

Pagamento adiantado

Numero avulso \$02

Anúncios

Preços convencionais. Anunciam-se todas as publicações do que se receber um exemplar.

FRANÇA & ARMENIO

Livreiros-editores

Rua Ferreira Borges, 77 a 81 — Arco d'Alameda, 2 a 4
COIMBRA

Esta livraria tem um grande sortido de livros tanto nacionais como estrangeiros. Compêndios adoptados na Universidade, nos Liceus, Seminarios, Escolas Agricolas, Normais e Primarias.

A LUSITANA

JOAQUIM CRISOSTOMO DA SILVA SANTOS

Officinas: Patio do Castilho — Telefone n.º 487

ARMADOR ESTOFADOR

Grande sortido de moveis de ferro e colchoaria. Fazem-se orçamentos para mobiliários completos. Responsabilidade efectiva pelo perfeito acabamento de qualquer mobilia.

As mais elegantes, lindas e sólidas mobilias são as confeccionadas na LUSITANA

MAGNÍFICO SORTIDO

de moveis de ferro e madeira, estofos, colchoaria, oleados, tapetes, brises, bises, jutas, pães de mesa, etc.

MOBILIAS COMPLETAS

Fazem-se Estores, Sanefas, Reposteiros, Estores bordados.

CASAS DE VENDA E EXPOSIÇÃO

R. do Quebra Costas, 2 — R. Fernandes Tomaz, 1 a 11 — COIMBRA

A REVOLTA

Pela Pátria e pela República

Jornal Republicano Académico

Ano 4.º

DIRECTOR — Zacharias da Fonseca Guerreiro
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua das Covas, 15

COIMBRA — 18 de Março de 1916

Propriedade do Grémio A REVOLTA
Composição e impr., TIP. LITERARIA — R. Candido dos Reis
EDITOR E ADMINISTRADOR — SILVA RAPOSO

N.º 69

GOVERNO NACIONAL

Na hora do perigo revelam-se as almas, fulgurando nos ardores duma pureza divina ou afundando-se na lama da sua pequenez. Ante o perigo iminente, dissipam-se os odios mais antigos: os abismos desaparecem: os corações buscam-se: é a solidariedade. O odio que subsiste nesta hora solene, seja o mais profundo ou o mais antigo, é como um microscópio poderoso através o qual podemos surpreender as consciências. A Patria estava em perigo: reclamava a coesão de todos os homens, a abnegação universal.

A grandeza do perigo reclamava a grandeza do combate! Mas, oh! — os obstáculos surgiram ante a efectivação do esforço redentor, pretendendo mais uma vez prostituir a causa sagrada da Patria, convertendo-a em instrumento de especulação. Quem pensa aí em antepor condições, em estabelecer exigências a uma Patria em perigo? Ha em cada estrada uma enegazilhada e um barranco. Nesta hora, nenhum jornal noticiou um assalto de ladrões. Constitui-se um governo de salvação nacional, e, que vemos nós? — oh! — salaftrarios de riso verde de vingança, gritando á Patria: A vida ou a Bolsa!...

— Nem a vida nem a bolsa, miseráveis! A Patria tem por si o povo, e quem tem por si os corações do povo, tem por si o Anjo das Batalhas e das Victorias! VIVA A REPUBLICA!...

DR. MARNOCO E SOUSA

Ao cabo de dois mezes de atrozo sofrimento, minado por uma doença rebelde a todas as sollicitudes e recursos da sciencia medica, succumbiu no vigor da idade, ontem, pelas 13 horas, o Ex.º Sr. Dr. Marnoco e Sousa.

Morte, esse fatal destino de transformação de todas as coisas da natureza, costuma predispor o coração dos homens para os transportes da piedade, as virtudes e as qualidades tomando proporções divinas, os defeitos e os erros tornando-se objecto de indulgencia, como se o espirito desperdasse nessa hora para o julgamento, desapassionado da vida, penitenciando-se da cegueira e da crueldade dos combates pela existencia, condão viciado da imperfeita organização social, baseada no egoismo feroz, no certamen das ambições, uma auctoridade prestigiada pelo dogma, pelo obscurantismo da tradição, pelos canhões, pronta a sufocar em cada hora o transbordar dos conflitos e da angustia.

O tumulto é a treva; o berço é uma aurora. Entre um e outro medeia a vida. O tumulto diz ao homem: pensa, aspira, ama; o berço diz-lhe: vê. O homem ergue a alma e contempla o deslumbramento da natureza: quer aspirar, pensar, amar, erguer um hino á vida. O homem é naturalmente bom. A criminoso organização social, mantendo sistematicamente os erros primitivos, surpreende-o na meditação

de olhos abertos para a natureza, e diz-lhe: *pensa de olhos abertos para ti*. O homem escuta em volta a luta formidanda pela existencia, cada um assegurando o seu pão quotidiano, disputando pela astucia, pelo roubo, pela mentira, pela crueldade, pelo

Mestre, vem prestar a sua ultima homenagem a um grande cidadão, cuja perda será daquelas que se fazem sentir numa nação inteira.

O seu espirito de organização patenteia-se ai no Municipio de Coimbra, hoje considerado como um dos

mais avançados do pais, desempenhando a sua acção no sentido de melhorar a vida social, municipalizando os diversos serviços publicos, a iluminação, os Electricos, as Aguas, o Matadouro. Toda esta obra grandiosa é filha do esforço deste grande cidadão.

Eis de quanto Coimbra lhe é devedora!

Como professor da Faculdade de Direito na Universidade de Coimbra, evidenciou o grande cidadão as suas aptidões desempenhando-se profissientemente no ensino de quasi todas as disciplinas. No desempenho da sua missão de professor, ele nunca se

crime, o seu predomínio material. E o homem torna-se mau, egoista, calculista, a comodidade pessoal obcecando-lhe o espirito, reduzindo-o á condição brutal da animalidade.

A predisposição dos homens para os transportes de piedade ante um tumulto aberto, revelam-nos os lamentáveis desvios nos seus destinos. E' de frente descoberta que a redacção da *Revolta*, com a mesma admiração que sempre tivemos pelas inexcusáveis qualidades de trabalho, organização, talento e caracter do querido

furtou, como alguns, ao dever de respeitar e provar a dignidade das instituições republicanas e das ideias mais avançadas. No tempo em que o Dr. Guilherme Moreira, se utilisava da cátedra para ensinar aos seus alunos *que livre pensador era todo aquele que andava empenhado em lançar a discórdia na sociedade portuguesa*; no tempo em que o Dr. Lobo d'Avila conspirava contra a Republica; no tempo em que o Dr. Fezes Vital, fardado de conspirador do bando couceirista, se preparava em terra estran-

geira para invadir o solo patrio; no tempo em que os lentes da Universidade de Coimbra, se entregavam á conspiração, em nome do miguelismo, do catolicismo, dos braganças, esse grande cidadão, desassombrado e honesto, fazia o elogio das leis da Republica, provando aos seus alunos (o que lhe mereceu uma pateada em plena aula!) a existencia do *superavit* e ajudando com o seu concurso moral e pecuniario o nosso colega local o *Debate*.

Como tratadista, ele foi dos poucos dos nossos catedraticos que soube honrar a sua missão, escrevendo sobre quasi todos os ramos do Direito, legando-nos uma obra extensa em vinte volumes e profunda de observação e critica scientifica.

A Universidade de Coimbra, considerada por nós e por todos os homens de bem, perdeu um dos seus melhores elementos. Restam a essa Universidade muito poucas figuras de prestigio! Sem elas, a Universidade ficará reduzida á sua condição de Seminario e foco de agitação.

Como todos os caracteres, esta grande cidadão morreu pobre. Na sua biografia resalta como nota interessante a sua excessiva modestia, quasi tornada monomania e defeito. Foi difficil arranjar-se uma fotografia desse homem!

Aquela de que hoje nos servimos, amavelmente cedida ao nosso jornal pelo *Debate*, foi extraída dum grupo antigo tirado com os seus colegas da Universidade. Os grandes meritos desse homem elevaram-no ao desempenho dos mais altos cargos do seu pais, desempenhando-se da pasta da marinha no ministerio Teixeira de Sousa. A cidade de Coimbra sentiu bem a grande perda que acaba de sofrer.

A Cidade, a Academia, a Republica, a Universidade, o Pais, perderam um grande e precioso elemento. *A Revolta* desfolha os lirios da sua saudade sobre a campa do querido Mestre, do grande cidadão, e do amigo da Republica!...

Guilherme Teles de Menezes

Encontra-se em Lisboa, afim de pôr á disposição do governo um invento de novo tipo de submarinos, este nosso velho amigo e venerando republicano.

Factos e comentarios

Novas Inspeções militares

Nas inspeções militares a que se procedeu após os primeiros anos da Republica, por circunstancias varias em que se aponta como principal a falta de alojamentos, foram isentados do serviço militar individuos com todos os requisitos exigidos pelas leis do recrutamento. Em virtude da presente situação de beligerancia em que se encontra Portugal, seria de grande alcance, a realização de novas inspeções o que forneceria ao Exército um notavel contingente de bons soldados. Para este facto chamamos a atenção do sr. Ministro da Guerra.

Por Vila Rial

Com vivo espanto lemos no velho e bem redigido semanario de Vila Rial, o *Vilariense*:

«Sali aqui na quarta-feira da ultima semana a procissão da Cinza, á qual concorrer bastante povo das localidades proximas. Apresentou-se majestosa, como sempre, fazendo-lhe a guarda de honra uma força de alferes.»

Isto lê-se e não se acredita!... A Republica tem autoridades em Vila Rial? Como olham essas autoridades o cumprimento da lei?

A Republica, que é absolutamente neutral em materia religiosa, não pode consentir que o seu Exército, desrespeitando a lei, preste homenagens *oficialmente*, em actos cultuais de qualquer religião.

E, se a lei foi violada, os delinquentes devem ser punidos.

Na "Revolta"

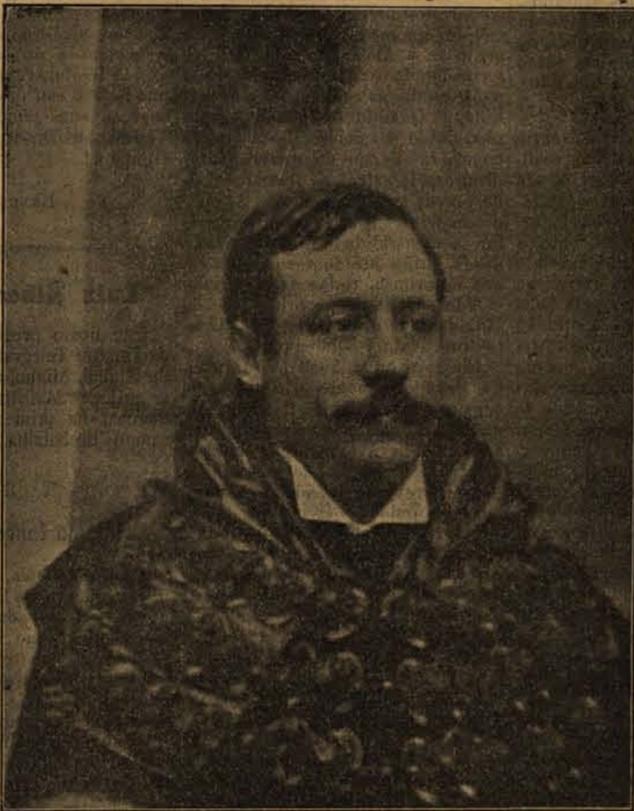
Recebemos a visita do nosso novo colega *A Razão*, brilhante semanario, órgão do Partido Republicano Português em Aveiro, e de que é Director o grande patriota Alberto Ruela.

E' um semanario moderno, de grande formato, escrupulosamente impresso e magnificamente redigido.

Ao novo mas valoroso combatente pela causa da Republica, com quem gostosamente entabulamos permuta, as nossas saudações.

Afonso de Carvalho Baptista

Das férias do carnaval já regressou a esta cidade, este nosso querido amigo, e sincero republicanista da Faculdade de Direito.



678 42
No domingo da Silva
M. Fonseca Raposo
Coimbra

No povo republicano e patriota

Em manifesto caloroso de patriotismo convidou a Camara Municipal de Coimbra, sob a presidencia do ex.^{mo} sr. dr. Silvio Pelico, todos os jornalistas, entidades, e povo republicano, a comparecer, no proximo domingo, dia 19, pelas 14 horas, a uma sessão solene, no edificio dos Paços Municipais, cujo assunto será a Guerra Europeia. Em seguida a essa sessão, organizar-se-ha um cortejo patriótico que se dirigirá aos quartéis e governo civil, afim de saudar o glorioso Exército Português e o representante do Governo. Que ninguém falte!

Viva a Republica!
Viva Portugal!

Aux grands hommes...

Ignoro a causa: havia chuva, frio, o vento soando pela terra e a vaga elegia do delirio universal. Ha na alma do artista um mixto de morego e rouxinol: ama simultaneamente a sombra e o sol, a solidão e o rumor, o perfume e o lodo, a caverna e o horizonte.

Amanhecerá triste. O morego e o rouxinol afloram ao postigo, consideraram a atmosfera, bocejaram, arranharam-se, engrunharam os hombros, e desceram ao fundo da substancia, onde se recostaram a dormir, maldizendo o Padre-Eterno, em cínicas agonias de pessimismo e asperos azedumes de revolta. São duas almas na mesma chama, dois efluvios no mesmo aroma, duas feridas na mesma dor, dois polos no mesmo harpejo. A arte é irmã do amor: aflora de sentimentos opostos, de desejos contrarios, de rivalidades profundas.

A arte e o amor são dois combates. O beijo não é concordia; é capitulação fugaz de duas almas, mutuo perdão, gloria a conceder a duas derrotas. No beijo ha o netar, o perfume e a cor: é abelha rosa, é cou azul! Quando o beijo acaba, o sonho desfaz-se. O desejo satisfeito deixa na alma a cicatriz: chama-se saudade. Depois do beijo a saudade. E a natureza, feiticeira errante, vem ali desencantar os misterios da vida, explicando a legenda vaporosa daquela abelha, e daquela rosa num céu azul: *Fecundação!*

A arte é irmã do amor: é um combate. Cada impressão acorda mil vontades opostas. E' noite: vem o morego e diz: *que belo!* Mas o rouxinol, porém, que está ao lado, replica, cheio de magua: *sem luar? sem uma estrela? um madrigal? uma fonte?!*

— *Que belo é o mar!* — diz o morego.

— *Ha espuma? uma barca? gairotas? uma onda?* — diz o rouxinol. Quando estes cavaleiros do capricho transigem nas suas fantasias, ha na alma do artista o arripio alucinador, o beijo de fogo, canção vaga e longínqua, feita incenso e astrô, sedução e esplendor, o imperio misterioso conduzindo a vibração pelo caminho ideal.

Não sei se é arrojada a hipótese dum beijo entre dois volateis de geração diversa. O rouxinol põe ovos. O morego põe... não põe nada! tem... não tem nada! Um é oviparo. O outro é mamifero. Concebamos um beijo paradoxal.

Amanhecerá triste. Eu admito a influencia das luas sobre os individuos, — isto... é claro! — sem querer desfazer nos meritos de ninguém e apoucar os *maduros* que se dedicam á especialidade de cogitar as ninharias da vida. O morego e o rouxinol, *nem tuge nem mugé*, nanavam a sonoca do seu aborrecimento como se o aspecto daquela manhã os embriagara.

Insensível, como se a encarnação do tédio ambulante, a minha carne mastigava um mau cachimbo ao longo duma rua.

A subitas, um golpe de luz e rumor agitou-me a vida, ao prazer de sentir-me: é a montra do França Amado, em pose de gala, domingueira e florida, espanada como altar de igreja na hora de romaria, o França, todo amigo, gentil, aten-

cioso, qual *mordome*, remoçado pelo orgulho, — mais leve, risonho e sedutor.

A *Gazeta Doirada* está disposta em oiteiro no chão da montra. A meio do acidente topográfico ergue-se um pequeno cavalete. Nessa cavalete (projecto de monumento pela certa!) jaz o semblante dum *Ser*, em gorgeios de ternura, mimalho e imbeciliação, um quasi *Meunier de Ermelo* a chupar no dedo polegar, com requebros de Memina Amelia e farroncos de *a Grande Home*, Camões em saia a tocar pifaro, e as embofias dum João Tenorio escorrendo das atitudes machas dum Pompon *pô-pô-jim-jim!* O *morego* pranta-se-me no olho esquerdo e chia: *olha para ela!* O rouxinol assoma-se ao outro olho e gorgeia: — *ó! ó! ó!* — olha o Gaio!

E dá vontade de ter mais outro olho, um olho qualquer, nem que não fosse senão o olho... ciclopico por onde uma passarola se esgueirasse, cantando exclamações perante o formoso e famoso *Epico* que tão galhardamente expõe os seus encantos esteticos pelo *bem que se quer*, as faces docemente inclinadas, a *parecer bem*, home lindo, os bigodinhos frisados, os labios de passarinho, delicadinhos, a balbuciar meignicas (*matulão!*) e aos pés, — ó supremo espanto! — a Epopeia, as radiações fascinadores d'*Aquelle talento*, d'*Aquelle Engenho* esporadico, nunca visto, a gloria nevando-lhe a fronte como o forro dum chapou de chuva esburacado e pelintra, o Poema, feito pétalas, pingos de triumpho, ramos de louro, juncando o solo, *Aquelle Solo*, o Sacario do França em romaria a um homem de sciencia e bastante merecimento, chavão assente em Chaves, fechado a sete chaves!

O labio de baixo está um pouco caído! E' o *non plus ultra* da fascinação com o seu fino *aplomb* de grizete cara. O *Bernabé* mediu o tipo com uma reserva *mangone*. A meu lado passa uma senhora adompanhada dum rapazito de sessenta anos. Param. Eis o dialogo que surpreendi:

— O' minha mãe: quem é *Aquelle*, No cimo daquele Calvaio?

— *Aquelle*, filho, é *Aquelle*. O mimoso secretario!

— Tinha um beijo caído... *Aquelle*, ó mãe, não é *Ele!* Não cheira qu' *Aquella image*. Seja a santa *image dele!*

— Filho: é *Ela*, *Aquelle*, d'*Ele* *Aqueloutro*, o *Mesmo*, o *Tal*, o *Certo*, o *Tudo*, *Aquelle* Enorme Silva Pardal.

— O' *Starin*: dá cá uma croa. *O' Starin* pega lá duas Bem me disseste *Starin* Que as Chaves eram *Gazetas*!

Partiram mãe e filho. Quêdei só. Fiquei a pensar se não era preferível que o *Artista* elegante e... *fermoso* se fotografasse com as quatro plantas no solo para poupar-me a cancoira de ornar-lhe a cabeça decapada, cheirando a Ganimedes, Ramsés I, Teatro Anatomico, com um vigoroso feixe de nabos e alhos porros. As Chaves e o seu Chaveiro são impagaveis para desan-

dar a torneira da gargalhada e do ridiculo!... Pedantes!... Que infinito goso aquele hominho ha-de ter ao passar diante de si proprio!...

FERNANDO D'ARAUJO

Eugénio Sales

Ainda se encontra incomodado de saude este brilhante jornalista e dedicado republicano, illustre director do nosso colega local *O Debate*. Ao excelente amigo, a quem nos ligam os laços indestructiveis da mais pura amizade e profunda simpatia, apetece-mos um pronto restabelecimento.

José Batista de Lacerda

De Castro Daire, regressou este nosso presado amigo, intemerato companheiro de luta republicana. O nosso estreito abraço de cumprimentos.

CARTA DE LISBOA

13-III-916.

Sabá finalmente Portugal da situação incompreensivel em que se encontrava ha tanto tempo! E assim não podia deixar de succeder porque esse Portugal austero que por tanto tempo e tanta gloria tem passado, sobre sempre encavar o perigo pela frente e levantar a sua cabeça honrada mostrando em todos os tempos a nobre altivez da sua raça.

Enxovalhado em Naulila, Portugal não ponde de momento tirar a desforra que lhe cabia, devido á acção criminosa dum criminoso governo. E assim, lá fora, houve a impressão dolorosa de que Portugal era covarde, de que faltara aos seus compromissos. Mas não.

Não faltou nem faltará jamais. Um punhado de patriotas disse ao mundo inteiro em 14 de maio que a maioria dos portugueses queria viver na legalidade e bem assim mostrar que estava disposto a cumprir a risca a letra dos tratados. Apesar do poder os ministros ditadores começou-se uma obra de ressurgimento nacional. De então para cá, alguma coisa se tem feito.

Explendida foi de patriotismo a sessão do Congresso ha dias realizadas. Milhares de pessoas a ela assistiram e, cá fóra muitos milhares lamentavam o não terem logar. Não houve força capaz de conter a enorme multidão que não fazendo caso de bilhetes, queria entrar na sua casa onde iria ouvir pela boca dos seus representantes a opinião acerca da attitude tomada pela Alemanha. Sessão historica, sessão bela, emocionante, que já mais nos esquecerá! Para á tribuna onde se encontrava o Presidente da Republica e o corpo diplomatico, convergiram, em dado momento, as maiores aclamações, estrondosas salvas de palmas, ficando os representantes das nações aliadas com a convicção plena e absoluta de que Portugal inteiro estava incondicionalmente a seu lado. Afonso Costa, Antonio José d'Almeida, Costa Junior, Antonio Macieira e Alexandre Braga, em brilhantes discursos, cheios de patriotismo e de fé republicana, mostraram que os seus partidos abatiam as bandeiras politicas para as deporem no altar sagrado da Patria. Brito Camacho falou largamente dando por fim a entender que não fariá parte do ministerio se nele não entrassem os monarchicos, opinião esta que corroborou no dia seguinte em artigo de fundo na *Lucta*.

Porém foi lamentavel que o dr. Brito Camacho ao apresentar a sua plataforma fizesse declarações que não calassem profundamente na opinião publica.

E está sua attitude longe de contribuir para que o seu partido se fortaleça e prospere ha-de certamente contribuir para que se reduza mais e mais até ao seu completo desaparecimento.

Segundo lembos ha dias na *Capital*, os monarchicos e menos que pedem para entrarem no governo e

a restauração da monarchia! Os catholicos pedem tambem coisas. Os camachistas querem ficar, depois da guerra, numa situação privilegiada. Os monarchicos afirmam ter a maioria no país e querem o... plebiscito! E ninguém se entende num momento em que só união desinteressada era preciso e tudo isto porque põem os seus *pequenos* interesses partidarios acima dos sagrados interesses da Patria! E' vergonhoso que a 5 dias de guerra declarada ainda não haja governo constituido porque 3 grupos querem aproveitar-se da situação para se engrandecerem! Ponham os olhos nas outras nações senhores politicos!

P. d'A.

A «O Debate»

Ao nosso brilhante colega local *O Debate* agradecemos as palavras carinhosas que no seu ultimo numero dirige aos nossos estimados companheiros de combate, José Adelino Raposo e Carlos Martins.

Previsão dos factos

Leote do Rego, esse incansavel patriota que desde a proclamação da Republica tão inteligentemente defendeu o grande problema da Defesa Nacional, quer nas columnas dos jornais onde a sua prosa vibrante e bem orientada prendia a atençaõ dos leitores mais rebeldes aos assuntos militares, quer na tribuna onde á sua voz e á sua eloquencia electricava as multidões respondeu da seguinte maneira áqueles que combatiam as suas opiniões acerca do actual conflito: — *«A Guerra virá ter connosco como um cilindro com todos os seus horrores»*.

Muitos sorriam desta grande verdade, outros apuparam o por ter a coragem de proclamar o que passava poucas semanas se realizou! Assim foi! A profecia do grande marinheiro realizou-se. A Alemanha em nome do Direito Internacional — suprema irrisão! — declarou-a guerra! Mas o que virá a ser para a Alemanha o Direito Internacional; o que tem sido para a Alemanha as convenções e os tratados? Quando foi que a Alemanha desde o começo desta guerra tremenda deixou de esfarrapar os direitos, de calcar os tratados e de desprezar as convenções? Sempre o tem feito. Ela começou por violar a neutralidade da Belgica e desde então ela tem cometido todos os crimes, todas as monstruosidades que as proprias leis da Humanidade e do Direito das Gentes reproavam e condenam.

Ela arrason cidades desguarnecidas levada somente pelo desejo de espalhar o terror; ela destruiu monumentos que atestavam o grau superior da Arte Antiga, simplesmente pela avidez de se vingar dalguns reveses sofridos; ela fuzilou as populações civis para saciar a sua sede de sangue e o seu odio; ela massacrrou velhos indefezos sem piedade; violou mulheres que depois assassinou cruelmente; ela nem mesmo as creanças respeitou na sua cegeira de crime, no seu furor de destruição, na sua embriaguez de sangue! Com os *zeppelins* tem bombardeado cidades abertas e o seu odio tem os levado ao ponto de bombardear os hospitais de sangue! No mar tornou-se um pirata repugnante torpedeando navios de passageiros conduzindo centenas e centenas de mulheres e creanças que são engulidas impiedosamente pela voragem das ondas, ás vezes ja mortas pela metralha desses bandidos! Ela usou até as temiveis balas dum-dum, e o sabre farpado em forma de serra para rasgarem para torturar as carnes dos adversarios.

Tudo isto são crimes monstruosos que chocam com o Direito Internacional que, ela agora cunicamente evoca para nos desafiar! Tudo isto são barbaridades que repugnam aos principios da Humanidade, que a guerra não deve banir porque se pode lutar porque se pode vencer sem se empregarem

estes meios criminosos que a todos repugnam e que a todos revoltam. A Alemanha desde o começo da guerra que nos tem manifestado claramente o seu odio e o seu rancor. E porquê? Por sermos aliados da Inglaterra!

Invadiu-nos a nossa provincia d'Angola contra todas as leis da guerra e traiçoiamente, cobardemente, assassinou os nossos soldados apanhados de surpresa!

Fez prisioneiros seus alguns dos nossos officiais e soldados que encerraram nas suas masmórras. No mar meteram-nos no fundo alguns navios sem o minimo respeito pelo Direito Internacional, sem a mais leve consideração pelas leis da guerra. E apesar de tanto enxovalho, apesar de tanto crime contra nós cometido, o Barão de Rosen só agora abandonou Portugal chamado pelo seu governo, quando deveriamos ser nós que ha mais tempo lhe deviamos indicar o caminho! A Alemanha cuja fama e gloria vem decaindo desde a batalha do Marne até ás muralhas invenciveis de Verdun, declara-nos a guerra em nome da sua honra ofendida e do Direito Internacional violado.

E parece esquecer o que nos fez, parece olvidar tudo quanto tem feito. Pois bem!

Em face da arremetida da Alemanha, Portugal não se perturbou! Aceitou o reptio serenamente! Portugal é muito pequeno e muito pobre, mas tem dentro das fronteiras 6 milhões de portugueses prontos a lutar até ao ultimo sacrificio.

Em face deste desafio todos os portugueses se unem num só corpo firme para um só fim; — A defeza comum!

Se hontem este povo parecia irconciliavel pelas suas opiniões politicas, hoje abraça-se e une-se no mesmo campo: — A Honra!

Se hontem cá dentro havia inimigos hoje, ha só portugueses irmãos na mesma politica: a Patria! E assim unidos, assim juntos, sem um vislumbre de desanimo ou uma sombra de cobardia lutaremos com todo o nosso ardor, honrando a memoria dos nossos avós que nos legaram uma historia brilhante e que nós temos obrigação de continuar com a mesma grandeza e com a mesma elevação. O caminho é para a frente!

O barbarismo germanico agoniza em frente de Verdun donde a civilização sairá triunfante. Portugal collocando-se ao lado dos aliados afirma irrefutavelmente a sua vitalidade e o seu desejo de concorrer com as suas poucas forças para a Victoria do Direito e da Liberdade Humana!

ERNESTO D'ALMEIDA

Luiz Alberto Abreu

Este nosso presado amigo, chefe da Estação Telegrafo-Postal em Arco de Baulhe, Minho, acaba de oferecer-se ao Ex.^{mo} Ministro da Guerra, para marchar na primeira expedição aos campos de batalha.

Antonio Conceição Gomes

Para a Madeira, afim de alistar-se no regimento de infantaria n.º 27, a que pertence como soldado licenciado, partiu no rapido das 10 1/2 de hoje, este nosso estimado amigo, quintanista da Faculdade de Direito. O nosso amigo teve uma despedida muito afectuosa por parte dos seus numerosos amigos. Desejamos-lhe uma feliz viagem.

«Teatro Casino Peninsular»

No proximo dia 22, realiza-se nesta casa de espectaculos, Figueira, uma recita infantil organizada e dirigida pelo dr. Manuel Ferraz de Menezes, cujo producto reverterá em beneficio do Jardim-Escola *João de Deus*.

Sobre a scena a engracadissima revista em 3 actos *Ao De Leve*, em que tomam parte os distintos e experimentados amadores daquela localidade. Em vista do humanitario fim a que se destina, é de prazer uma grande concorrência.

SECÇÃO LITERÁRIA

Hora de julgamento

Aos prezados camaradas da "Revolta"

Mito é debalde que se representem nos nobres impérios da consciência.

Fernando d'Araújo.

Terra amassada em sangue, e pó de sepulturas...
— cemitério d'horror que nem ciprestes cria!
Tu, que tornas o sol Fogo fútu; e as Alturas abobada em que escorre a sinie da exuvia...

Terra maldita, d'onde uma lufada torrente sobe, e se espalha, e vai povo a povo açoitando...
— Onde Góthie julgou que florisse a semente que ao teu seio fecundo atirava, cantando...

Terra de Gutenberg, — a luz que a Média-Edade iminuiu, para a vida erguer com alma nova, veja-te pasto vil do orgulho e da vaidade; a abríres-te em senzala, em antro, em fogo, em cova!

Que poeira at se agita em igneos tórvulinhos!
Que lamarões formando os teus grandiosos portos!
— Porque tombam milhões de mortos nos caminhos, e boiam sobre o Mar milhares de homens mortos!

Kaiser, — espétro e sombra, a subir, corda á cinta, os lugubres degraus de lugubres patibulos!
Infame, em cujas mãos corre o sangue, e tilinta o cadeado que prende os aros dos turibulos...

Kaiser, — ente protervo a erguer-se sobre montes de cadáveres, quando é que serás julgado?
— Para outra vez nascer o sol nos horisontes e subir, sem que deize um rasto ensanguentado?

Bôca blasfema, a Deus tornando infame, erguendo a voz em oração, cantando salmos e hinos!
— O monstro que pratica este crime estupendo: de fazer cem milhões de braços assassinos!

Kaiser, — monstro! jamais verás a luz divina que Paulo viu brilhar ás portas de Damasco!
— Para a tua alma fez-se o bueiro da sentina!
— Fez-se para o teu corpo o cesto do carrasco!

O' vós, que vos dizeis Nações civilizadas!
O' vós, que as mãos ergueis aos altos céos, em prece, olhae, Europa em jóra, as covas atulhadas!
Vede a sombra d'horror que sobre os lares desce!

Vede os filhos sem pae, as mães espavoridas, loucas, braços torcendo, olhos cegos d'espanto!
— Porque deixaes um monstro, assim ceifando vidas, cobrir de luto o Mundo, e de sangue, e de pranto!

E vós, ó meus irmãos, que outr'ora ás Indias fostes, atravessando o Mar nas frageis caravelas: —
Vamos! Formai de novo as invencíveis hostes!
Vamos! Terra da França, alma erguida ás estrelas!

Alma que o heroísmo queime, e a luz da gloria cubra, o momento chegou, solene, d'anciedade!
Vamos! Bandeira ao alto, em frente, verde-rubra, contra a infâmia e o crime, e pela Liberdade!

JOSÉ AUGUSTO DE CASTRO

Palavras dum Fatalista

(Diletantismo)

Maldito seja o fatalismo do Universo, a força inconsciente que arrancou esta Vida a um Mundo nebuloso!

Era a Noite remotissima do Passado intangível, adormecido na imutabilidade do Silencio da Vida oculta nos abismos do Ante-Mundo!

O Infinito continha em si desde Sempre a substancia que hoje é Universo, e que era então materia cosmica, fonte da Vida mundial.

« O Universo, num momento infinitamente longinquo da sua existencia, era o chaos gaseoso ». Mais tarde, a nuvem cahotica primitiva, mil-partiu-se em nebulosas gigantescas, esféricas, que largaram, numa carreira vertiginosa, através

da imensidade! Cada nebulosa era o germen dum Mundo a caminho da sua formação.

O que hoje é materia esparsa no afastamento produzido pela combinação de substancias homogeneas, era então um Mundo fluidico, formado de gaz cósmico, rolando silenciosamente nos abismos do Espaço illimitado.

Savistri! o que eras tu no meio desse mundo? Oceano! onde estava a tua grandeza de gigante ciclópico, hoje furibundo, a rugir, numa insania de raiva espumante, numa ansiedade febril de aniquilar a Terra? O' doirados mundos! constelações radiais do firmamento! ó soes e planetas, o que erais vós naquele Mundo fluidico? O' florestas verdejantes! ó flores, ó rebanhos e montes, regatos e ribeiros, onde estaveis? O' babilonias e aldeias, ermidas e catédrais, palacios e choupanas; avenidas e ergástulos, onde estaveis? O que eras tu, ó

Terra! ó esfera de lama e podridão, mãe da Humanidade corrupta? O' guzano rastejante, ó ignia dominando as Alturas, o que erais vós? O que era então a fera humana, o Ser nefando que, « quanto mais se quer erguer para as alturas, mais vigorosamente alarga as suas raizes na terra, para baixo, para o tenebroso e profundo: para o mal! » (Nietzsche). Onde estava a Inteligencia humana, hoje profundando os arcanos do Universo, arrancando para a Luz a sombra do incógnito, num esforço colossal de desvendarem as Origens? Onde estava o Amor que funde as almas, que liga os sentimentos e atrae os corpos na ansia instintiva de eternizar a Vida? O que erais vós, ó imperadores altivos e canalhas, senhores da gleba e da inconsciencia dos humildes perdidos na noite da ignorancia, cegos, obedientes ante a vossa soberania anti-humana? Reis e mendigos, famintos e palhaços, Artistas e funâmbulos, marquêsas e prostitutas, sábios e malandros, ascetas e jograis, — carne feminina olorante de perfumes e carne livida de mendigos, purulenta de cancores nauseabundos; andrajos e vestidos de burguesas; riqueza gargalhando imbecilidades e miseria que estala o oraneio dencontro aos muros da prisão em gritos de angustia dolorida; enfim, a Vida, o Mundo d'hoje, o que era na Noite remotissima do Passado? — Era a mesma materia cosmica, a nuvem cahotica, turbilhonando nos abismos da Ante-Vida — materia que existiu desde toda a Eternidade, e que, num movimento consequente dum Fatalismo inevitavel, caminhou através a Noite do Tempo, para o inicio da Creação.

Coimbra 14-3-916,

CAMPOS DE FIGUEIREDO.

A GREVE DOS LENTES

Terminou a greve da Academia. Desde segunda-feira que as aulas funcionam, na melhor ordem, em todas as Faculdades.

Outra greve surgiu, porém, inesperadamente — a dos professores da Escola Normal Superior, que até esta data se tem dispensado de aparecer na Escola para fazerem as suas preleções.

Consta-nos que Suas Ex.^{as} pediram mesmo as respectivas exonerações.

A que propósito e com que fundamento? — Não sabemos. Mas o que podemos afirmar é que o gesto dos professores da Escola nenhuma simpatia nos merece. Não é este o momento asado para a exhibição de actos de obstruccionismo que possam levantar atritos á volta dum Governo que, numa hora critica e solene, tomou sobre si o sagrado e supremo encargo da Defesa Nacional.

No grave lance que atravessamos, a todo o bom português se impõe o sacrificio e o cumprimento do dever. Muito melhor do que nós devem Suas Ex.^{as} saber que o Governo vai ter dificuldade em recrutar novos professores. Por isso, dizemos: o sacrificio impõe-se.

Tem o direito de pedir as suas demissões, indiscutivelmente: mas o que nós não podemos justificar é que alguém use dum direito só com o intuito de prejudicar outrem.

Entre os juriconsultos tem isto o nome de — abuso.

E esse outrem prejudicado, no nosso caso, são os alunos da Escola Normal Superior, aos quais nem sequer, abusivamente tambem, se tem permitido o encerramento das matriculas.

Repetimos: ignoramos qual o pretexto que os snrs. professores da Escola tomáram para a sua injustificavel attitude. Julgavamos o conflito inteiramente solucionado, — tanto mais que os alunos, por várias vezes declarando o seu respeito pelo demais corpo docente, deram satisfatórias explicações, por escrito, retirando o protesto feito na aula, visto haver resultado dum equívoco.

Oxalá que Suas Ex.^{as} reconsiderem, evitando pequenos conflitos, para pôrem tão sómente os olhos no Grande Conflito onde a Patria Portuguesa foi já tambem chamada, para lutar pelo Direito e pela Liberdade dos pequenos povos.

O BISPO DE COIMBRA

Por mais duma vez nos demos ao cuidado de registar em nossas colunas as façanhas deste reacionario servidor da Igreja, que, transformada em sistema, em instrumento de dominio, tem, desde os primordios da sua fundação, pela sua conducta, originado o seu absoluto descredito, falseando completamente os principios humanitarios annunciados pelo cristianismo, na sua fase inicial, espontanea e popular, tão simpatica na sua historia de martirio e fé, tão hedionda nas suas paginas de triumpho, convertida em perseguidora dos seus rivais, ateando fogueiras e erguendo cadafalsos de tortura. Conhecem os leitores, sobejamente, a conducta retrógrada e inquisitorial do bispo, pela nossa allusão a factos edificantes e deshumanos de que se faz personagem. Ha mais um facto a acrescentar á sua obra: acaba de suspender o pároco de Condeixa a Nova, sr. dr. João Antunes, que, sendo um bom cidadão, devotado de alma e coração aos melhoramentos da sua terra, de que é um extremo propugnador, dedicando-se como um profeta, á causa da Humanidade, instruindo o seu povo pela propaganda de doutrinas civicas, combatendo os vicios, levando-o a caminho da solidariedade e da liberdade, levando-o, finalmente, a organizar uma associação em que pelo seu unico esforço vai incutindo no espirito da juventude, não o venenoso espirito do catolicismo de sofreguidão e vindicta, mas o carinho, a dedicacão pela Arte, creando escolas livres de desenho e musica. E' conhecido o successo feito em Coimbra e Lisboa pelo Orfeon de Condeixa, apenas devido ao esforço do ex.^{mo} sr. dr. João Antunes. E' um padre que compreende o cristianismo, puro, feito revolução, aspiração ao progresso, esse mesmo espirito que desabrochou na França de 1789, ateando os fachos da fé, nos braços de Danton e Chenier! A Igreja abomina o padre feito cidadão, o verdadeiro profeta.

A Igreja fuzilou Ferrer. O catolicismo jámais poderá servir a humanidade. Serviu-a o cristianismo. O catolicismo não é os homens pertencem-lhe; persegue-os desde o berço ao túmulo, colada na sua bôca a mordaçã do dogma e do misterio, arroxeada a sua consciencia pela grilheta do confissionario. Ferrer é um simbolo. Emital'ó é incurrer no agravo aos piratas negros, que a toda hora terão suspensa sobre a sua cabeça o punhal de Torquemada.

AUGUSTO BAPTISTA e JOAQUIM DE CAMPOS
ADVOGADOS
Rua da Sofia, 15-1.

ANUNCIOS

FARMACIA DO CASTELO

Depósito de produtos fotograficos da Casa Foto-Bazar do Porto.

Creme dentrítico. Especialidades farmaceuticas nacionais e estrangeiras. Instrumentos cirurgicos, etc.

Relojoaria Comercial

DE Adolfo Pinto de Sousa

Praça do Comércio, 60
COIMBRA

Neste estabelecimento, ha sempre para vender um completo sortido em relógios de bolso, mesa, parede e despertadores.

Encarrega-se de todos os concertos de relojoaria garantindo os relógios vendidos ou concertados.

Tomás Trindade

COM ESTABELECIMENTO DE Tabacaria — Papoaria — Loterias — Perfumarias CENTRO DE PUBLICAÇÕES

Jornais — Ilustrações Revistas nacionais e estrangeiras

Deposito da Imprensa Nacional Para venda das publicações e impressos do Estado

POSTAIS ILUSTRADOS

Lindas coleções em fantasia e vistas de Coimbra

Deposito de aguas Mineró-Medicinaes

Aguas ao copo

Deposito da Cevada do Cairo

Carimbos — Cartões de visita

COIMBRA

Largo Miguel Bombarda, 13, 15 e 17
Telefone n.º 559

Encadernador

Precisa-se com bastante pratica e que saiba dourar. Garante-se sempre serviço. Carta a esta redacção com as iniciais A. M.

Muraline

Tintas inglesas a água. As mais higienicas e resistentes ás intempéries e as que maior consumo tem em Portugal, para interior e exterior de prédios.

Karsonite

Tinta branca a água. Appropriada para encobrir as manchas das paredes e do fumo.

La Bele

Emalte finissimo em todas as cores, as mais finas e garantidas para interiores e exteriores dos prédios.

CASA DEPOSITARIA

ESTABELECIMENTO DE FERRAGENS E TINTAS

ANTONIO FERREIRA PEREIRA

141 — Rua Ferreira Borges — 145

COIMBRA

Telefone n.º 250

Tipografia Literária

Rua Candido dos Reis, n.º 17, 19 e 21 — COIMBRA

Esta tipografia que possui os mais modernos maquinismos, movidos a vapor, está pronta a executar todos os trabalhos gráficos, imprimindo pela perfeita impressão em gravura e a cores

Trabalhos tipográficos em todos os géneros
Impressão de revistas, jornais, lições, cartões de visita, envelopes, recibos, facturas, diplomas, papel timbrado, etc.
EXECUÇÃO RAPIDA

Barbearia Universal BAZILIO DINIZ

147, Rua Ferreira Borges, 149
Coimbra

Casa luxuosamente mobiliada

Extraordinária comodidade

Empregados devidamente habilitados, podendo dizer-se afoitamente que tanto no paiz como no estrangeiro não pôde encontrar-se uma casa congénere, que ofereça ao publico maior garantia de limpeza, seriedade, acção e conforto. * * * * *

Telefone n.º 245
O primeiro estabelecimento do paiz
Perfumarias nacionais e estrangeiras
ESCRUPULOSO ACEIO
Desinfeção rigorosa de todos os utensilios que servem aos clientes

Casa L. DA FONSECA

Praca 8 de Maio, 8 e 10
Rua V. da Luz, 1 — COIMBRA

Pianos Gaveau
Bicicletas B. S. A. e Peugeot
Maquinas de costura
Instrumentos musicos, violão e seus accessorios, musicas, etc.
Alugueis e vendas a prestações
Descontos a revendedores
Economia — Garantia — Seriedade —
Correspondente da Companhia de Seguros
Comercio e Industria

CAPAS E BATINAS

Fatos e sobretudos para inverno

Novidades sensacionais

Quereis moda e economia? ○ ○ ○

Ide comprar ao único estabelecimento de mercador que existe em COIMBRA, de

AUGUSTO DA SILVA FONSECA

Praca 8 de Maio, 43 — Rua da Sofia, 2 a 8

Machinas SINGER para coser

ESCRITÓRIO CENTRAL

Rua Ferreira Borges — COIMBRA

ESTABELECEMENTOS

COIMBRA — Rua Ferreira Borges, 12
GUARDA — Rua Alves Roçadas
COVILHÃ — Praça 5 d'outubro, 17 a 19
CASTELO BRANCO — Rua Pina, 32

LEIRIA — Praça Rodrigues Lobo, 43 a 44
FIGUEIRA DA FOZ — Praça da República, 8
SOURE — Rua do Relógio
LOUZA — Rua do Comércio

OS MAIS LINDOS PISTAIS VENEM-SE NA

Tabacaria e Papelaria

CRESPO

Grande variedade em tabacos nacionais e estrangeiros
Bilhetes de visita
Revistas e jornais nacionais e estrangeiros
Artigos para pintura, desenho e escritorio

Telefone, 275 * 27, R. Ferreira Borges, 29 * COIMBRA

ALFAIATARIA

* Guimarães & Lobo *

54, Rua Ferreira Borges, 56
COIMBRA —
Casimiras nacionais e estrangeiras, luvãs, gravatas, pingas e outros artigos para homens.
Modicidade de preços

Abilio Lagoas

32, Praça do Comércio, 33
Escritorio de comissões e consignações

Correspondente de Companhias de Navegação
Vende passagens em todas as classes para todos os pontos do Globo

A Revolta

Assinaturas
Continente, ilhas e ultramar, trimestre, 485
Estrangeiro, 470

Pagamento adiantado

Numero avulso, 402

Anúncios

Preços convencionais. Anunciam-se todas as publicações de que se receber um exemplar.

FRANCA & ARMENIO

Livreiros-editores

Rua Ferreira Borges, 77 a 81 — Arco d'Alameda, 2 a 4

COIMBRA

Esta livraria tem um grande sortido de livros tanto nacionais como estrangeiros. Compendios adoptados na Universidade, nos Liceus, Seminarios, Escolas Agricolas, Normais e Primarias.

A LUZITANA

JOAQUIM CRISOSTOMO DA SILVA SANTOS

Officinas: Patio do Castilho — Telefone n.º 487

ARMADOR ESTOFADOR

Grande sortido de móveis de ferro e colchoaria.
Fazem-se orçamentos para mobiliários completos.
Responsabilidade efectiva pelo perfeito acabamento de qualquer mobilia.

As mais elegantes, lindas e sólidas

mobílias são as confeccionadas

na LUZITANA

As mais completas officinas de marceneiro, polidor, entalhador, torneiro, estofador e colchoeiro

MAGNIFICO SORTIDO

e móveis de ferro e madeira, estofos, colchoaria, oleados, tapetes, brises, bises, jutas, panos de mesa, etc.

MOBILIAS COMPLETAS

Fazem-se Estores, Sanefas, Reposteiros, Estores bordados.

CASAS DE VENDA E EXPOSIÇÃO

R. de Quebrá Costas, 2 — R. Fernandes Tomaz, 1 a 11 — COIMBRA

A REVOLTA

Pela Pátria e pela República

Jornal Republicano Académico

DIRECTOR — Zacharias da Fonseca Guerreiro

Ano 4.º

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua das Covas, 15

COIMBRA — 25 de Março de 1916

Propriedade do Grémio A REVOLTA

Composição e impr., TIP. LITERARIA — R. Candido dos Reis
EDITOR E ADMINISTRADOR — SILVA RAPOSO

N.º 70

A GUERRA E O SOCIALISMO

Muito antes de se ter iniciado, com todos os seus horrores, a quadra guerreira que atravessamos, foi motivo de largos debates a atitude dos socialistas em face de semelhante hecatombe, se por ventura ela se desenrolasse, como infelizmente se desenrolou.

A opinião geral era a de que a guerra não poderia ter lugar, porque a isso se opunham os socialistas. O partido, era na verdade, forte e de tal maneira forte que na negregada Alemanha contava alguns milhões de adeptos, que, por sua vez, se faziam representar na Camara, por cento e dez deputados. Foi, confiando que no dia em que fosse decretada a mobilização geral na confederação germanica, todos os soldados socialistas se recusariam a marchar, que o grande, notavel e honrado socialista francês, Jean Jaurés, combateu, no seu país, a lei militar, chamada dos *tres anos*.

Se Jaurés não tivesse sido vítima da sua dedicação pela humanidade e dos princípios que durante toda a sua vida defendeu com raro brilhantismo, morrendo, tragicamente, ás mãos dum patriota exaltado (se é que não era um doído varrido) — estaria a esta hora bem arrependido de ter sustentado com tão grande e profunda convicção a doutrina que com tão boas intenções sustentou e que tão cara lhe safu.

Jean Jaurés, a quem só uma unica vez tivemos a subida honra de apertar a mão, mas cuja vida politica acompanhámos sempre de perto, sendo um socialista dotado de grande talento e de profundos conhecimentos, mostrou não conhecer os homens e mistissimos menos os seus misteriosos e complicados sentimentos, os seus preconceitos e as suas susceptibilidades.

Os soldados socialistas alemães, podiam, na verdade, ter inutilizado todos os planos do imperador e poupado á humanidade o flagelo por que está passando; mas não o fizeram, porque não quiseram, ou talvez porque lhes não foi possível.

Todos os socialistas do mundo tem as mesmas aspirações, que podem resumir-se em ver a Humanidade de livre e feliz. Para isso trabalham como irmãos e de comum acordo para derrubarem fronteiras, acabando com odios de raça, com todas as misérias e com todas as dores que forniam negra a vida dos homens. Mas uma coisa são as fronteiras, a miséria e as dores e outra coisa muito diferente é o orgulho dos povos que o mesmo é dizer: o orgulho das raças. Enquanto se tratou da parte teorica, socialistas alemães e socialistas franceses entenderam-se, eslimaram-se, e fraternizaram, mas na hora solene e grave em que os alemães socialistas tiveram que escolher entre uma Alemanha diminuida no seu orgulho e abatida nas suas ambições de predomínio e uma guerra de que poderia sair uma Alemanha engrandecida, os socialistas alemães desapareceram para só ficarem soldados ebrios de sangue e anciosos de

chegar, o mais depressa possível, a Paris, afim de submeterem, fosse por que processo fosse, aqueles que ainda na vespera eram seus irmãos na miséria e seus companheiros de combate contra todos os privilegios e contra todos as castas.

Procederam bem? procederam mal? Como alemães, cumpriram o seu dever e demonstraram o seu patriotismo; como socialistas foram apenas renegados e traidores.

É que ha uma grande diferença entre ser-se socialista, quando a paz é a ordem do dia e quando a guerra é a grande e constante preocupação de um povo, seja ele qual for, grande ou pequeno.

Tratando-se, então, dum povo grande, deve o caso revestir-se de mais gravidade e de mais complexa grandeza, embora, todos os povos, grandes ou pequenos tenham a sua historia, o seu orgulho, os seus interesses e as suas ambições.

Os povos são rigorosamente como as familias. Podem um povo estar muito dividido, podem os seus filhos ter ideias muito opostas, mas se chega a hora em que a integridade da sua terra corre perigo ou pode vir a corre-lo, nessa contingencia, todas as diversas correntes de opinião actuam num mesmo sentido e os cidadãos unem-se como se fossem um só homem, ou como se todos eles tivessem sempre pensado da mesma maneira.

Com a familia o caso é muito semelhante e os exemplos contam-se por milhares.

O grande odio de um proximo parente desaparece, quando um estranho á familia, ainda que seja um amigo, aprecia menos convenientemente aquele de que nos separam divergencias ou que merecem a nossa inimidade. São susceptibilidades para as quais ainda ninguém encontrou uma explicação satisfactoria.

Quando a guerra terminar novamente os socialistas de todo o mundo, voltarão a debater o assunto, mas terão a tristeza de mais uma vez verificar que, chegadas as grandes ocasiões, nem sempre os actos podem corresponder ás palavras.

O socialismo caminhava vertiginosamente para o seu melhor triumpho quando a guerra foi declarada. Esta tremenda desgraça retardou por alguns seculos esse triumpho, se é que o fim da guerra não marcará o terminus de essa grande e bela aspiração de todos os corações generosos.

SÁ PEREIRA,
Deputado da Nação.

Roque Martins

Já bastante conhecido dos nossos leitores pelas referencias que por varias vezes temos feito aos trabalhos deste moço e primoroso artista, autor do pamfletto *A Sirga*, inicia hoje, na *Revolta*, a publicação, em folhetim, duma esplendida joia literaria, *Os Barbaros*, cuja penhorante dedicatória muito agradecemos. Dizendo que Roque Martins é o autor de *A Sirga* e duma Cronica Literaria, so-

bre Forjaz de Sampaio, ha tempos publicada na *Revolta*, firmada pelo pseudonimo Campos d'Alemquer, eis o bastante. A reputação do delicado e fecundo escritor está feita, e o seu valor fará de per si o espontaneo successo,

Delepo,

srs. Lentes de... (oro)!

Atravez de todo o recente movimento académico procurámos guardar a máxima compostura e serenidade.

Como toda a Academia, num impulso em que ia nobreza e altivez, se pusesse ao lado dos alunos da Escola Normal Superior, para vingar um ultrage que nós mui claramente verberámos, julgámo-nos dispensados, por inuteis, de longas campanhas em sua defesa.

Vimos hoje á estacada, em favor dos alunos da Escola, porque os vejos sós e porque o despotismo catedrático tenta ferir-los injustamente nos seus mais lidimos interesses.

A atitude dos professores da Escola — podemos affirmá-lo sem rubor — é mais do que injustificável, porque é hipócrita, vergonhosa, miserável!

Tem ouvidos as paredes — tomem sentido! — porque elas deixam transpirar, cá para fóra, as maquinações dos seus conciliabulos, cheios de dissimulação e veneno.

Recusando-se a irem ás aulas, pedindo as suas exonerações, os Lentes tem tão átoamente em vista acarratar aos seus alunos irremediáveis prejuizos e porventura a própria perda do ano, chegando mesmo a imporem-se ao venerando ancão que faz as vezes de Reitor para que lhes não seja consentido o encerramento das matriculas. Eis o que parece averiguado.

Contra tal arbitrariedade levantamos o nosso veemente protesto. Só em face dum motivo plausivel se formula um pedido de exoneração. O fundamento alegado colheira, quando muito, para o Sr. Dr. Luciano e jamais para S. Ex.ª.

Não tem o direito de demitir-se, porque as razões apresentadas são quanto há de mais inexistente e fantástico. Em pleno conflito, por varias vezes os alunos da Escola vieram declarando, em reuniões, manifestos e na imprensa, o seu respeito pelo professorado, acentuando bem claramente que o protesto visava apenas o Director daquelle estabelecimento.

De que podem queixar-se, então, os srs. Lentes? Quaes os seus agravos? Nenhum agravo existe, e a quixotesca atitude a que foram arrastados pelo Dr. Tamagui — que, segundo nos informam, é a alma negra do conflito — deixa transparecer a mais requintada má-fé.

E' do alto que devem vir, para os humildes, os grandes exemplos de abnegação, de sinceridade e de assombro.

Os professores da E. N. Superior deviam ser francos, declarando abertamente as verdadeiras razões do seu procedimento. E' que a sua vaidade ressentiu-se com o certo golpe nllamente vibrado no autoritarismo da cátedra; é que Suas Ex.ªs acham que o minguado subsidio, pela regencia das cadeiras daquelle estabelecimento, não compensa muito bem os seus trabalhos e por tal motivo querem talvez desligar-se dum compromisso.

Isto, a vaidade e o interesse ao serviço da honra, já nos não espanta

porque é coisa de ontem, de hoje e de amanhã; tem-se mercadejado com a Divindade, não nos admirando que o mesmo se faça com os mais puros sentimentos do homem, por altos e sagrados que eles sejam...

Pedimos providências ao sr. Ministro da Instrução, prometendo não largar mão do assunto enquanto se não fizer justiça aos alunos da Escola.

Factos e comentarios

Confrontos

Estudantes e professores das Universidades de Lisboa, definindo patrioticamente a sua atitude em face da declaração de guerra da Alemanha, vão iniciar, em breve, uma serie de conferencias pelo país, resolvendo, também, enviar uma saudação, em nome de todos os estudantes de Lisboa, aos nossos colegas das nações aliadas.

Em Coimbra, como se não trata de conspirar contra a Republica ou fazer uma festa de Igreja, a Universidade dorme. Que o publico coteje as duas atitudes de Lisboa e Coimbra, e terá occasião de fazer justiça ás palavras que até hoje nos tem merecido esta Universidade.

Por Vila Rial

Escreve-nos o sr. director do *Vilarealense*, pedindo-nos a rectificação duma local inserta no nosso numero passado, comentario a uma outra local publicada naquele semanario ha uns trinta anos e agora reeditada a titulo de recordação. Recordar é viver; e o nosso amigo Estanlau, com o seu passado de jornalista e o seu delicioso *cavaquinho* tem gravadas no livro da sua vida as paginas mais saudosas de poesia e gloria.

O seu jornal, decano da provincia, vem recordando, em miniaturas, a historia da sociedade vilarealense. O trabalho tipografico dessas miniaturas é imperfeito: o cabeçalho, por exemplo, dá a impressão dum annuncio á parte. O encarregado da leitura dos periodicos, muito amigo de procições como toda a gente da casa, e muito amigo da justiça, ao deparar com a Cinza foi como se enterasse um pé em brazas! — espeta um murro na mesa e passunos o jornal competentemente dobrado e assinalado a lapis vermelho.

O comentario fez-se e lá rodou para a tipografia.

Cessata causa...

Especulação

Foi o saudoso mestre e grande cidadão Dr. Marnoco e Sousa, enterrado catolicamente; á beira da sua campa, um explorador catolico, fez a affirmção estúpida e insolente de que todos os espiritos como *Fustel de Coulanges* se enterravam catolicamente; na quinta feira passada houve missa. O ex-rei de Portugal fez-se representar nos funerais pelo Costa Alemão. Era o grande Mestre um catolico? era um monarquico? Responde-nos o seu passado de professor e tratadista: Não! O ex-rei explorou; o catolicismo explorou como sempre. O tumulto tudo consente, — miseráveis! desde a hipocrisia até ao insulto.

Transcrições

Aos nossos estimados colegas: *Independente*, do Funchal; *Voz da Justiça*, da Figueira; e *Jornal de*

Coimbra; agradecemos, penhoradissimos, as transcrições feitas dos artigos e poesias dos nossos companheiros Afonso Duarte, Campos de Figueiredo e Fernando d'Araujo.

Exemplos

Em toda a historia portuguesa houve sempre exemplos do mais acendrado patriotismo, a refulgirem numa luminosidade que breve comecou aureola, para logo se transformar em trajectoria sideral, mais do que nunca para se imitar.

E' constelada de exemplos de grandesa, luminosos, épicos e grandes, cada pagina da nossa historia.

Povo pequeno, em verdade, mas incapaz de trair o passado onde mais do que nunca no momento presente, é preciso ir buscar aletos, ele avoluma-se, o Portugal das eras idas, o quasi-mendigo dos povos, abordado e tropego, lança á margem dos caminhos da incerteza, onde ha muito se transviara o bórdão que lhe tinham dado em troco do gladio de Ourique, e ailo de novo, pronto a brandir a lança, a cruzar o ferro, nesta cruzada santa da Liberdade dos Povos. Os seus heróis dos tempos idos, os bronzes eternos que a Historia esculpiu para exemplo — e na galeria das nações nenhuma os tem nem maiores, nem mais formosos do que os nossos — quasi se animam ganhando vulto e magestade, para num acento d'ordem que anima e revigora, bradarem num aóro em que se confundem todas as falas de gloria que 7 seculos executaram com acatamento e pasmo.

A voz retumbante do Passado, a voz dos tumulos santos onde nunca faltarão pedras para afiadas a lança — oh soldados do Portugal de hoje, — brada alto, convocando-vos á uniao para a dejesa da Patria. Malditos os que a não escutarem!

O nosso passado está em toda a parte, porque todo o Portugal levou o nome e a espada, e com ela, — a gloria. Bemditos os nossos irmãos d'Alem-mar. Bemdito para sempre o Brasil que escutou a voz do sangue e não foi indiferente aos rogos dos tumulos. Grande entre todos, grande é o exemplo da nação sempre querida, porque sempre é irmã. Grande, não menos grande é o exemplo desses dois homens que o perigo da Patria para sempre fez juntar, Antonio José d'Almeida e Afonso Costa, ontem forças dispersas, hoje convergentes, dando uma resultante sublime, a soma das suas energias e vontades.

Convergir todas as forças numa só resultante, transformar o melhor de energias e vontades numa só energia e vontade, num só querer bem servir a Patria, é o exemplo para a salvação de Portugal que nos dão esses dois homens. Bemditos eles!

Lisboa, 20-2. C. C.

Sá Pereira

Por intermedio do nosso colaborador principal, sr. Carvalho Araujo, abrilhanta hoje as colunas do nosso semanario, com o sensato artigo *A Guerra e o Socialismo*, este ilustre Deputado da Nação, a quem a *Revolta* apresenta as suas saudações, fazendo votos para que tão esplendido colaborador continue dando-nos o prazer das suas visitas.

Sá Pereira é um nome soberantemente conhecido do país pelos seus trabalhos parlamentares e jornalisticos, e o seu artigo será devidamente apreciado pelos nossos leitores.

A SESSÃO PATRIÓTICA NOS PAÇOS DO CONCELHO

GRANDE CORTEJO CIVIL

Como anunciámos realison-se, na passado domingo, no salão nobre dos Paços do Concelho, pelas 14 horas e meia, uma sessão solene sobre o momento do assunto da guerra, seguida d'uma vibrante e calorosa manifestação, um cortejo civil desfilando ao longo das ruas...

Após a constituição da mesa alguns populares entraram na sala astando as bandeiras da Belgica, Russia, França, Inglaterra, e Servia, o que deu lugar a uma calorosa manifestação, aclamando-se a Patria e as nações aliadas.

Entra na sala um grupo de escolteiros levando á sua frente a bandeira da Republica. Manifestações de aplauso. Cá fora a banda regimental executa a Portuguesa. A multidão serena pouco e pouco. A entrada da bandeira municipal é muito saudada.

O Ex.º Sr. Dr. Antonio Leitão, agradecendo a honra que lhe concederam de presidir áquella sessão, e as referencias elogiosas a ele dirigidas pelo Ex.º Sr. Dr. Silvio Pellico, presidente da Camara Municipal, produzindo um breve discurso cheio de patriotismo, fazendo o elogio do governo da Republica, salientando a nobre attitude da cidade de Coimbra em todas as situações dificeis de Portugal...

Foi concedida a palavra ao Ex.º Sr. Dr. Silvio Pellico, que lê, cheio de entusiasmo e commoção um bem urdido e vibrante discurso fazendo a apologia do genio Latino, divagando por sete seculos de Historia Patria, salientando os feitos heroicos e exemplares dos nossos antepassados, silhuetando com muita arte as grandes figuras de Mousinho d'Albuquerque, Francisco d'Almeida, fazendo o elogio do Brazil, historiando a guerra Europeia e o motivo da nossa intervenção...

á multidão os mais sentidos apelos do seu entusiasmo. S. Ex.º desenha subtilmente a linha da guerra em que nos envolvemos para defender o Direito e a Liberdade. Faz o elogio da martirizada e heroica Belgica, encorajando os povos pequenos com esse exemplo de bravura e fé. A bravura da nossa Patria está no nosso sangue e na nossa historia. A terra portuguesa foi conquistada palmo a palmo. Nesta hora, exclama o orador, não ha monarchicos nem republicanos, mas a união de todos os portugueses.

Os alemães chamam-nos escravos da Inglaterra: Sim! somos escravos, mas escravos do nosso dever e da nossa honra, para com o nosso esforço ajudarmos a vencer a besta fera da Alemanha. Calorosos aplausos coroaram o seu discurso brilhante e eloquentissimo do qual não podemos dar uma palida ideia.

Fala em seguida o Ex.º Sr. Dr. José Cardoso, como representante da Provincia, fazendo o elogio do governo e a historia da guerra, incitando todos ao cumprimento do seu dever. Foi muito aplaudido. O director da Resistencia uza também da palavra para apresentar uma proposta sobre a organização duma comissão patriótica, a exemplo do Porto, composta de membros da sede do districto, de todos os partidos politicos, afim de promover conferencias, manifestações patrióticas etc.

Fala em seguida o Ex.º Sr. Dr. Alves dos Santos, que proferirá uma esplendida lição de Historia, Civismo e Antropologia, rebuscando o nosso passado epico, falando sobre o cumprimento do dever, salientando a falsa e perniciosa educação imperialista da Alemanha, que o orador admira pelas Artes e pelas Sciencias, mas que abomina pela sua ambição.

Os alemães, diz o orador, estão proximo do homem das cavernas, sob o ponto de vista humano.

O Ex.º Sr. Dr. Carlos Dias, representante do Brazil, usa também da palavra, agradecendo a calorosa manifestação feita á sua Patria e termina levantando dois vivas a Portugal e ao Brazil, no que foi delirantemente acompanhado por toda a assembleia.

O Ex.º Sr. Dr. Costa Lobo proferiu também algumas palavras, sendo muito aplaudido.

E' em seguida organizado o cortejo civil que percorrendo as ruas de Coimbra, vai junto dos quartéis saudar o nosso Exercito. A multidão, calculada em seis mil pessoas, segue ao som de tres bandas musicais executando os hinos das nações aliadas, desfaldadas as suas bandeiras, levantando muitos vivas á Patria. Foi uma das grandes manifestações do povo de Coimbra.

De cara levantada

Antes de mais nada eu tenho que comunicar ao leitor que não é a primeira vez, ou que não é esta o primeiro jornal, onde exponho as minhas ideias. Em varios jornais eu tenho defendido sempre a Republica, sem brilho, sem arte, mas com dedicação e com sinceridade.

Quando os primeiros rumores deste vulcão que revolve a terra inteira se faziam sentir, eu, immediatamente defendi a nossa intervenção no conflito como sendo um Dever que a Patria reclamava para a sua Independencia e para a sua Integridade.

E assim eu continuei até hoje a defender essas ideias que eram as de todos os patriotas.

A guerra veio ter connosco quando deviamos ser nós que deviamos ter obrigação de ir ter ao seu encontro. Bem. Eu considerava-me o mais infimo dos incoerentes se neste momento o meu papel fosse só de lingua.

Eu quero, pois, que tudo quanto escrevi seja valorizado pelas minhas acções. Quero poder falar de cabeça erguida, sem ter medo de censuras, sem ter medo dos apodos de ninguém. Ha dias um amigo meu que foi sempre contra a nossa intervenção disse-me com ar de quem pretendia rebaixar: « Ouve lá! — Tu, que foste um entusiasta pela guerra, porque é que te não ofereces? »

... Já o fiz, meu amigo! No dia em que o Parlamento aceitou o estado de guerra com a Alemanha eu dirigi-me em cartas á Montanha e a sua ex.º o Ministro da Guerra. Até hoje a Montanha ainda lhe não deu publicidade. Casualmente eu conservei em meu poder a sua copia, assim como a de que enviei ao ex.º sr. Ministro da Guerra.

São as seguintes:

« Ex.º Sr. Director.

Chegou finalmente o momento de vingarmos os nossos irmãos, cobardemente assassinados pelos sicarios do kaiser, em Naulila. A Alemanha, não querendo reconhecer que a utilização dos seus navios surtos nos nossos portos, obedeceu a uma medida de salvação publica, em virtude da grave crise que presentemente atravessamos, rompeu diplomaticamente connosco as suas relações e natural é que a esse rompimento se siga a declaração de guerra. Razões mais poderosas nos assistiam a nós para o fazermos após a sua traição de Naulila.

Portugal recebeu a afronta com indignação, mas ainda hoje não sei os motivos porque então se não respondeu devidamente a esse enxovalho. Bem: adeante... Hoje é ela que nos lança o repto, afirmando que o gen está ainda muito alto, e a Inglaterra muito longe para nos auxiliar, sem se lembrar que as suas garras venenosas também nos não podem atingir. Eu não sou soldado. Mas se é a lei militar que me inibe de partir, outra lei mais poderosa me impelle para o caminho do Dever. E' o patriotismo!

Neste mesmo momento envio a sua ex.º o Ministro da Guerra uma petição, para ser incorporado no primeiro contingente que tenha de partir. Tenho dois anos de I. M. P. e sou atirador de 1.ª classe. Caso isto seja impossivel, peço também a sua ex.º que me facilite o alistamento como voluntario no corpo estrangeiro que tem lutado ao lado das gloriosas armas francesas. Modestamente, mas com toda a sinceridade, eu tenho escrito varios artigos em alguns jornais, defendendo a nossa intervenção na guerra e a causa dos aliados. Agora sou coerente com as minhas palavras; peço mesmo que os meus serviços sejam aceites, não faço como o sr. Alpoim. Este senhor ofereceu-se, mas logo acrescentou que de nada servia, que a gota o não deixava dar um passo e que se lhe aceitarem os serviços só serviria de impedimento... Nisto eu eston de acordo. Eu digo que sou forte e que cumprirei serenamente o meu Dever enquanto pulsar dentro do meu peito um coração de português.

Viva Portugal!

Ernesto Horacio Ribeiro d'Almeida.

Foi esta a carta que enviei para a Montanha e que até hoje ainda não foi publicada. E' natural que ao passa-la a limpo a modificasse, mas sómente na parte literaria. O fundo, a essencia era só uma: — oferecer-me para ir para a guerra! — Agora segue a que enviei a sua ex.º o Ministro da Guerra:

« Il.º Ex.º Sr. Senhor Ministro.

Ernesto Horacio Ribeiro d'Almeida, estudante, solteiro, de 20 anos de idade, residente no Porto, e morador na rua de S. Braz, n.º 217, tendo dois anos de Instrução Militar Preparatoria, atirador de 1.ª classe, vem mui respeitosa e humildemente oferecer a V. Ex.ª na qualidade de chefe hierarquico do Exercito, os seus serviços caso seja decretada a mobilisação. Se em virtude das leis militares estabelecidas não for possivel incorporar-me em qualquer contingente que tenha de marchar para os campos de batalha eu então rogava a V. Ex.ª que me facilitasse a incorporação como voluntario em qualquer dos Exercitos Aliados empenhados em fazer triunfar a causa da Justiça e da Liberdade. Mais pedia a V. Ex.ª que olhasse este humilde oferecimento como sendo um ardente desejo meu, pois julgo que o dever de todos os portugueses é pagarem em armas contra a tirania alemã que tenta cravar as suas unhas aduncas na nossa dignidade e na nossa Independencia. Saude e Fraternidade.

Ernesto Horacio Ribeiro d'Almeida.

São estas duas cartas que me fazem falar de cara levantada, de cabeça erguida, conscio de que ninguém tem o direito de me alcunhar de « heroi de lareira ». Ofereci-me, não para me evidenciar, mas para dar cumprimento a uma ardente aspiração minha.

Ofereci-me para completar a modesta mas sincera campanha que fiz em varios jornais; ofereci-me por-

que vejo que é este o dever de todos os portugueses sinceros que tem algum amor a esta terra que os nossos antepassados tanto dignificaram quasi sempre com o sacrificio da sua vida.

ERNESTO D'ALMEIDA.

Dr. Artur Leitão

Como annunciámos num dos nossos numeros passados é hoje, pelas 14 horas, na Associação dos Artistas a conferencia deste illustre parlamentar; presidirá a direcção da Sociedade de Defeza e Propaganda de Coimbra.

Dr. Marnoco e Sousa

Os funerais do illustre professor da Universidade de Coimbra, revestiram o aspecto duma grande manifestação de pesar do pais inteiro. O cadáver esteve exposto em camara ardente nos Paços do Concelho, derradeira e dolorosa homenagem prestada pelo municipio ao seu ex-presidente, sendo velado durante a noite por turnos de bombeiros.

O préstio funebre foi extraordinariamente concorrido por gente de todas as classes, representantes de todas as colectividades, do governo da Republica, e era dirigido pelo Ex.º Sr. Dr. Caeiro da Mata.

A urna era tirada numa carteta de bombeiros; seguiam-na o representante do Chefe do Estado, Dr. Pedro Martins, Ministro da Instrução, Dr. Teixeira de Sousa, Dr. Artur Leitão, Barbosa de Magalhães, da Faculdade de Direito de Lisboa, Dr. Anselmo d'Andrade, Viçeira da Rocha, Emidio da Silva, conduzindo a chave o Ex.º Reitor da Universidade, Dr. Luiz da Costa e Almeida, e a boria doutoral, o Dr. José Alberto dos Reis, lente de Direito, precedidos de representantes de todas as colectividades de Coimbra, Associação dos Operarios do Municipio, corporações de bombeiros, policia, carretas de cordas, etc.

O funeral foi religioso. E' para notar e comentar, visto succerir uma grande contradição, com as suas opiniões scientificas afirmadas desassombadamente em toda a sua obra de tratadista e professor.

O sr. ministro da instrução iniciou os discursos no Cemiterio, em nome do Governo e Chefe do Estado, fazendo o elogio do extinto. Seguiram-se-lhe no uso da palavra os Drs. Luiz da Costa e Almeida, pela Universidade de Coimbra; José Alberto dos Reis, pela Faculdade de Direito; Teixeira de Sousa, em seu nome e no dos seus colegas do ultimo ministerio da monarchia; Manuel Fratel; Anselmo d'Andrade, Barbosa de Magalhães, pela Faculdade de Direito de Lisboa; Silvio Pellico, presidente do Municipio, em nome da cidade; Rocha Saraiva, os academicos Luiz Braga, Teofilo Carneiro, presidente da Associação Academica, pelos estudantes de Coimbra, e Cunha e Costa, pelos alunos do 3.º ano juridico, falando também o Sr. Dr. Caeiro da Mata.

Folhetim de A REVOLTA

OS BARBAROS

por Roque Martins

A gente arauta da Lusitana Revolta.

Naquelle dia, dia de festa, em que a alegria do povo lhe criou na alma uma acorba tristeza, vampirica, contudente, ella não se sentia bem. Ralava a um mal intimo, presentimentos em sobresalto que a afogavam em caphões reprimidos de soluços, e que a sua histeria incapaz de sofrer mais exarcebava numa rivasinha miuda, rebutando em ginchos que a inundavam de lagrimas tumidas, nevroticas, saltando-lhe no rosto gessado.

Distendiam-se num alvorecer de outono, os scenarios lividos sob a patine nebulosa do rio de tons agudados, sem cor, contundindo os relevos. Pouco em pouco o sol, peneirando vaporisações de tintas, coloria, de policromias subtis, os aspectos ao largo; e era nos campos grandes manchas do verde agudo dos milhais, e de rubro-negro sulcando as vessadas da terra, bocas abertas á semente na volupia da gestação. Era o timbre cru, rascante, dos moiros d'alem rio, epiderme milenaria cortida de ventos, encarquilhada ao latego das chuvas.

Era e vermelho escureado de musgos nos cimos da casaria acasapada na Baixa, que a sua janela dominava, onde abria nas frontarias pelas engras ramificando as ruas, o berrão alegre da cal branca. Quem a via passar ao declinar da tarde, pesquisando as lojas de modas, em curvas atonas de vinculos fundos, levisima de presença, como se passasse um ruflar d'aza rithmando desanimo, ia-se com ella, de vista pendida. E passava fruste num passinho esquivo, dobrando o busto fuzelado, magro, todo cingido, num arripio de febre, do challe negro de brilhos lubricos, gaguejantes.

A sua presença duma humidade quasi orgulhosa foi ao principio um reparo para as companheiras de atelier. Mas pouco em pouco deram-se ao seu silencio, á sua alma ferida de amor, cançada de olhar os longes. Todas a estimavam pela sua bondade de iniciada. Em conselhos de amor, a alguma reza intima de sofrimento que as companheiras lhe revelavam, entre nuvens agudadas vertendo adoração, velando olhos abertos, amore-

sissimos, onde repassavam por vezes de namorados sufocando-lhes a voz de commoção, Sarah tinha gustos de carinho, embaldadores, faldas rithmando animo, anestesicas como os beijos dos amorosos. E ao erguer-se em espirito, iluminada, lembrava uma sibila irradiando em prodigalidades de apostolo o amor que a abafava, que lhe rasgava os olhos fixos em visões de bocas sequiosas, beijando-se, e lhe timbrava a voz duma fé de bozo.

Amava com ellas. O seu idolo a indefinir-se numa habagem de nuvens avolumava-se, espalhava desejos de posse e de presença, cada vez diluindo-se mais na sua alma de sensitiva. E apagava-se, tomando a toda numa embriaguez de pesadelo, para se adelgaçar, silbuetar na visão dos outros das suas companheiras.

Amava com ellas. O seu namorado ideal que não possuia em presença, era a amalgama de todos os outros; — complexissima estrutura á que mil outras davam forma.

Como a sua muda « aspiração de amor » era o bloco de muitas que na sua alma se acolhiam, o seu « desejo de posse », estorcogante, a calcinar-lhe o corpo, era qual bozo interior a sacrificar-lhe a carne numa volupia continua tomando nos seus braços estreitos a eternidade. Bonzo vampiro que a sua alma não podia erguer num pinto de sacrificio, porque não tinha forma, vivia irradiado por toda a parte como a arte, como certos retalhos de vozes e expressões que nós advinhamos numa rocha.

febre. Toda a expressão, toda a sombra de tragedia que lhe espirtualisava a mascara dolorosa, se apagava num esmaecer de morte quando arqueava as palpebras vibrataes, clarissimas, de escurtura grega. Era um ceu a fechar-se sob uma abobada de sombra.

Esses olhos diziam a sua alma num olhar caçado de revelação, num quebranto augural de sibila. As coisas ao redor espelhando neles a sua imagem ficavam como que ebriançadas na mesma nostalgia por felicidades não vividas. E nessa luz indefinida, incisiva, sacudindo-nos mais á alma do que nos impressionando os olhos, ardia esse desejo barbaro, vampiro de esforço e dor; esse lubrico desejo de posse dum corpo infinito que nada pode possuir; dum corpo eternamente virgem.

Eram os olhos de Aguglia no corpo incorrespondivel duma estatua. Qualquer coisa de arrebatador como uma aza de aguija num dendrolho.

Era filha de gente humilde. — Carne de sacrificio a ensangantar as fauces da vida. No cerebro embotado de seu pai talvez fallhasse no momento spasmodico da sua origem num relampejar dum milhão para a eternidade, no espaço de dois instantes — a ceula divina, o specimen do infinitamente humilde e do infinitamente grande; e o supra-humano — e nela cristallisasse fructo bastardo da rudeza e do genio.

Era uma sintese de absurdo, de divino; qualquer coisa como o orgulho de Zaratustra na humidade dum moujike. Por isso era insaciavel o seu desejo de amor. O appetite do seu muito desejo de beleza

calcina a sua carne franzininha. Dessejaria um amplexo de lites e fitava á angustia de si mesma, absorvia-se na esfinge, estuava-se em abandonos.

Seria feia ao olhar guloso dos homens. Era bella ao olhar humilde e enternecido dos artistas. Era um rebento turgivo, saindo dum ventre plebeio, vivendo na esperança do que não seria e no desespero do que era. Não pelo orgulho da sua alma — demais ella toda se lhe entregava — mas pela condição humilhante do seu corpo. Sonhava talvez numa vida oriental, de brilhos d'oiro, irritantes, numa sonolencia de odaliscas entre estofos Poderosa e bela como Mylitta, entre ferros. Nova Salomé pedindo a cabeça da vida.

Tinha nos olhos uma arrogancia doilnadora, mas na atonia do seu corpo resumbrava a humilhação milenaria do seu sexo. A sua alma era lubrica de dor na habagem inconsciente da sua existencia bastarda. Uma cerração abafava-a; nos seus caprichos instinctivos, na sua animalidade, sob o jugo feroz dum desejo extra-humano. E cançada, dobrada ao peso duma satisfação interior, sufocada de esforço, ficava-se largo tempo, olhos abertos borbulhando lagrimas, olhando os longes numa estesia dormiente em que a sua alma nómada a abandonava. Era então uma alma exil para um mundo místico, comungando com seres hiper-humanos, onde escutava augures pressentindo futuros. Era na sua abstracção o simbolo carcere transitorio, dum ideal indefinido e arreido.

Continua

SECÇÃO LITERÁRIA

Invocação Lusiada

Sobe depressa á gávea, marinheiro,
E grita—França!—pelo amor de Deus!...

De Antonio Nobre.

Já que o sinal foi dado, seja dado
Pelos Liras também...

Oh Ceu, oh Terra, oh Mar, — oh Génio do Passado
Que me dizeis d'Alem?

Já que o sinal foi dado, seja dado
Pelos Liras também...

Sou Lusiada, ouvi! Grito ao Sol-nado:
— Que Adeantado-Mor foi Portugal!
E a sombra dum Pastor grita, a meu lado,
Que há lobos defendendo o meu Casal!

Descom no ar Saudades de Epopeia;
O Vento résa estrêfes de Camões.
Que milagre: ao luar da Lua-Cheia
Somos Ressurreições!

E o Mar chama por nós... chama por nós a Guerra!

Oh! meu olhar da Serra
Pra onde vais?

Deixas as romarias;
E já sinto tanger melancolias.
Aos rebanhos perdidos dos zagais!...

Que outono de Saudades...

Dizem adeus, por mim, os sinos ás Trindades;
Dou meus olhos de luto ás arcas dos bragais!

Chamo agua marítima á Tristesa...

Mas subito, oh Patria Portuguesa,
Raiada de esplendor ás nossas vistas,
Eu leio em Ti sagrada profecia:

Vens d'Alem! Para Alem o teu olhar despertas?
Hás-de voltar a ser o que já foste um dia!

Oh terra das Conquistas;
Senhora Mãe das grandes Descobertas!

Perfil do Desejado a tentar ressurgir!
Pátria que o seu olhar, a todo o instante, esmolas,
Não deixes cá ficar, em descanço, as violas...
Dá-lhes sorte melhor que ás de Alcacer-Kibir!

E canta, que a cantar de desejo deliras;

Poetas, regressai da jornada dos Ceus!

Deem cordas d'alarme ás vossas Liras,
E gritem — Patria! — pelo amor de Deus!

ANTONIO ALVES MARTINS

Coimbra, Março de 1916

CREDITO AGRICOLA

Tem este artigo a intenção de mais uma vez chamar, nos campos, a atenção das populações agricolas para o desenvolvimento das suas lavouras, servindo-se do credito como instrumento poderoso de produção.

Como preambulo, convem notar que não deve repugnar á probidade inconcussa da classe agricola servir-se do dinheiro, que não é seu para trabalhar, visto que isso só testemunha iniciativa, e o credito tem sido sempre a alma das grandes empresas.

Tambem não se devem amedrontar com os maus anos da lavoura, porque os empréstimos deixam-se continuar até um prazo de vinte e quatro meses e, nalguns casos até quinze anos, reservando só o Estado os rigores da lei para quem o tentar defraudar.

As garantias podem ser fiança (até simples letra sem selo), penhor

(que pode ficar na posse do devedor), consignação de rendimentos e hipoteca.

Quanto aos trabalhos que se podem empreender, o Estado empresta para todos os trabalhos agricolas, compra de adubos, ferragens, etc., construções de obras, como lagares, aberturas de poços etc., empréstimos estes pagaveis dentro de quinze anos.

Pelo decreto de 1 de março de 1911, o Estado pôs á disposição da Junta de Credito Agricola um fundo de 1.500.000\$000, para ser mutuado ás Caixas de Credito Agricola Mutuo a taxas baixas, que tem regulado entre 1% e 3,5%, sendo agora a taxa media de 2%.

Até á data têm-se fundado 53 destas instituições, e algumas delas, como as de Elvas e Serpa, tem atingido uma prosperidade perfeitamente comparavel ás mais florescentes mutualidades do genero na França, na Italia e na Alemanha; mas, em abono da verdade, o numero das Caixas fundadas é ainda

reduzido e o país tem capacidade economica muito maior, notando mais que da disponibilidade referida de 1.500.000\$000 ha ainda cerca de 900.000\$000, que podem ser concedidos em condições magnificas para a agricultura, visto que as operações culturais podem no solo português pagar, em media, ao capital um juro de 4,5% e que demonstra simultaneamente serem as taxas mencionadas a que o Estado mutua, magnificas para o trabalho agricola, enquanto que a agiotagem, chegando a pedir 48%, esmaga qualquer iniciativa, que a mor parte das vezes lhe tem de entregar terras e alfaias para solver tão ruinosos contratos, sem fazer especial referencia ás baixezas a que são forçados muitos lavradores, tendo de tratar com sinistros agiotas, negação absoluta dos mais rudimentares principios de caracter.

A legislação do Credito Agricola em Portugal já foi remodelada pela lei n.º 215, de 30 de Junho de 1914 — publicada no *Diario do Governo*, 1.ª serie, n.º 107, da mesma data — havendo actualmente entre nós o que ha de mais moderno no assunto; a saber:

A libertação de dividas hipotecarias, a remissão de foros, empréstimos amortizaveis a longo prazo a taxas constantes, etc.

Gozam as Caixas e os Sindicatos, quando anexos, de importantes imunidades postais e fiscaes.

Para se fundar uma Caixa é necessario fundar-se simultaneamente um Sindicato e para isso a Junta de Credito Agricola — Ministerio do Fomento « Rua do Alcerim n.º 45, Lisboa » — fornece gratuitamente instruções impressas, com todos os modelos (estatutos, documentos, etc. etc.), com os quais em quinze dias uma dezena de lavradores pode ver fundadas estas duas prestantissimas instituições.

Apelamos para todos os bons cidadãos no sentido de envidarem os seus melhores esforços na propagação de tão proficua medida de fomento, notando que a actual crise europeia, agravando até a extremo o problema das subsistencias, coloca o velho mundo numa situação miseravel e notando mais que só podemos e devemos contar com o nosso esforço para remediar a magna questão em que a agricultura é o mais portentoso esteio.

Correia d'Araujo

Do Porto regressou ha dias este nosso particular e estimado amigo e colega, valoroso e intemerato republicano, afim de realizar um acto na Universidade. *A Revolta* que tem pelas suas belas qualidades a maior admiração envia-lhe o abraço amigo e fraternal.

Eugenio Sales

Para Lisboa, afim de ser operado do mal que ha tanto tempo o vem incomodando, partiu hoje pelas 10 horas este nosso excelente amigo, illustre director d'*O Debate*. Fazemos os votos mais ardentes e sinceros para que a operação decorra com toda a felicidade, restituindo ao nosso amigo toda a saude e alegria.

Alves Martins

A Revolta mimoseia hoje os seus leitores com a delcada poesia, *Invocação Lusiada*, original do inspirado poeta Alves Martins, aluno do quarto ano de Direito.

O novo colaborador é uma das grandes estrelas da poesia portuguesa, e deixará a todos os seus leitores e admiradores o desejo de saborearem novos harpejos da sua lira sedutora.

ANUNCIO

Nesta Redacção se compram os seguintes numeros d'*A Revolta*: 8, 9, 30, 37; e os seguintes d'*A Corja*: 19, 20, 27 e seguintes. Informe á redacção.

Teatro Sousa Bastos

Nesta casa de espectaculos veem-se exhibindo com todo o exito a esplendida Companhia *Alba e Tiberio*, dois artistas de folego como ha muito se não tem visto em Coimbra. As casas tem estado á cunha, e os musculos vigorosos de Tiberio e a graça, a destresa, a valentia, a arte da gentil e fascinadora Alba, tem sido calorosamente applaudidos.

Alves dos Santos

Dentro de poucos dias vai á assinatura o decreto nomeando o Ex.^{mo} Sr. Dr. Alves dos Santos, director da Bibliotheca da Universidade de Coimbra.

Sua Ex.^a que é um illustre professor do Curso Superior de Letras e um abalizado psicologo e sincero republicano dá sobejas garantias de que tal logar ha de ser exercido com toda a proficiencia e dignidade.

Simião Victoria

Para o proximo numero publicaremos uma poesia firmada por este nosso amigo, redactor do *Combate*, sob o titulo *Ao Levantar da Hostia*. Que o nosso illustre amigo nos desculpe o adiamento da publicação que foi devido aos compromissos para com o poeta Alves Martins.

ANUNCIOS

FARMACIA DO CASTELO

Depósito de produtos fotograficos da Casa Foto-Bazar do Porto.
— Creme dentifricio.
Especialidades farmaceuticas nacionais e estrangeiras.
Instrumentos cirurgicos, etc.

A IMPORTADORA

TELEPHONE N.º 350

Cipriano Leão & Comp.^a

Importação directa

De cutelarias, ferragens finas, armamentos, munições de caça e bem assim uma infinidade de artigos indispensaveis ao uso domestico.

Rua Ferreira Borges, 52

COIMBRA

AUGUSTO BAPTISTA e JOAQUIM DE CAMPOS ADVOGADOS

Rua da Sofia, 15-1.º

Relojoaria Comercial

DE Adolfo Pinto de Sousa

Praça do Comércio, 60 COIMBRA

Neste estabelecimento ha sempre para vender um completo sortido em relógios de bolso, mesa, parede e despertadores.

Encarrega-se de todos os concertos de relojoaria garantindo os relógios vendidos ou concertados.

Tomás Trindade

COM ESTABELECIMENTO DE

Tabacaria — Papelaria — Lotarias — Perfumarias
CENTRO DE PUBLICAÇÕES
Jornais — Illustrações
Revistas nacionais e estrangeiras

Deposito da Imprensa Nacional
Para venda das publicações e impressos do Estado

POSTAIS ILUSTRADOS

Lindas colleções em fantasia e vistas de Coimbra

Deposito de aguas Minero-Medicinaes

Aguas ao copo

Deposito da Cevada do Cairo
Carimbos — Cartões de visita

COIMBRA

Largo Miguel Bombarda, 13, 15 e 17

Telefone n.º 559

Encadernador

Precisa-se com bastante pratica e que saiba dourar. Garante-se sempre serviço. Carta a esta redacção com as iniciais A. M.

A REVOLTA

Vende-se em COIMBRA, na alta, na Casa Feliz; na Baixa, nas Tabacarias Crespo e Tomás Trindade; em LISBOA, Tabacaria Monaco; no PORTO, Tabacaria Rodrigues (Passeio das Cardosas.)

Muraline

Tintas inglesas a agua. As mais higienicas e resistentes ás intempéries e as que maior consumo tem em Portugal, para interior e exterior de prédios.

Karsonite

Tinta branca a agua. Apropriada para encobrir as manchas das paredes e do fumo.

La Bele

Esmalte finissimo em todas as cores, as mais finas e garantidas para interiores e exteriores dos prédios.

CASA DEPOSITÁRIA

ESTABELECIMENTO DE FERRAGENS E TINTAS

ANTONIO FERREIRA PEREIRA

141 — Rua Ferreira Borges — 145

COIMBRA

Telefone n.º 250

Tipografia Literária

Rua Candido dos Reis, n.º 17, 19 e 21 — COIMBRA

Esta tipografia que possui os mais modernos maquinismos, movidos a vapor, está pronta a executar todos os trabalhos gráficos, primando pela perfeita impressão em gravura e a cores

Trabalhos tipográficos em todos os géneros

Impressão de revistas, jornais, lições, cartões de visita, envelopes, recibos, facturas, diplomas, papel timbrado, etc.

EXECUÇÃO RAPIDA

Barbearia Universal

BAZILIO DINIZ

147, Rua Ferreira Borges, 149
Coimbra

Casa luxuosamente mobilada

Extraordinaria comodidade

Telefone n.º 245

O primeiro estabelecimento do paiz

Perfumarias nacionais e estrangeiras

ESCRUPULOSO AOEIO

Desinfecção rigorosa de todos os utensilios que servem aos clientes

Empregados devidamente habilitados, podendo dizer-se afoitamente que tanto no paiz como no estrangeiro não póde encontrar-se uma casa congénera, que ofereça ao publico maior garantia de limpeza, seriedade, acieio e conforto. * * * * *

Casa I. DA FONSECA

Praça 8 de Maio, 8 e 10
Rua V. da Luz, 1 — COIMBRA

Pianos Gaveau * * *
Bicicletas B. S. A. e Peugeot
Maquinas de costura

Instrumentos musicos,
e seus accessorios, musicas, etc.
Alugueis e vendas a prestações
Descontos a revendedores

— Economia — Garantia —
— Seriedade —

Correspondente da Companhia de Seguros
Comercio e Industria

CAPAS E BATINAS

Fatos e sobretudos para inverno

Novidades sensacionais

Quereis moda e economia? * * *

Ide comprar ao único estabelecimento de mercador que existe em COIMBRA, de

AUGUSTO DA SILVA FONSECA

Praça 8 de Maio, 43 * Rua da Sofia, 2 a 8

Machinas SINGER para coser

ESCRITÓRIO CENTRAL

Rua Ferreira Borges — COIMBRA

ESTABELECIMENTOS

COIMBRA — Rua Ferreira Borges, 12
GUARDA — Rua Alves Roçadas
COVILHÃ — Praça 5 d'outubro, 17 a 19
CASTELO BRANCO — Rua Pina, 32

LEIRIA — Praça Rodrigues Lobo, 43 a 44
FIGUEIRA DA FOZ — Praça da República, 8
SOURE — Rua do Relogio
LOUZÃ — Rua do Comércio

OS MAIS LINDOS POSTAIS VENDEM-SE NA

Tabacaria e Papelaria

CRESPO

Grande variedade em tabacos nacionais e estrangeiros
Bilhetes de visita
Revistas e jornais nacionais e estrangeiros
Artigos para pintura, desenho e escritório

Telefone, 275 * 27, R. Ferreira Borges, 29 * COIMBRA

ALFAIATARIA * * *

* Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56
COIMBRA

Casimiras nacionais e estrangeiras, luvras, gravatas, piugas e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

Abilio Lagoas

COIMBRA

32, Praça do Comercio, 33

Escritorio de comissões e consignações

Correspondente de Companhias de Navegação

Vende passagens em todas as classes para todos os pontos do Globo.

A Revolta

Assinaturas

Continente, ilhas e ultramar, trimestre... \$35
Estrangeiro... \$70

Pagamento adiantado

Numero avulso... \$02

Anúncios

Preços convencionais. Anunciam-se todas as publicações de que se receber um exemplar.

FRANÇA & ARMENIO

Livreiros-editores

Rua Ferreira Borges, 77 a 81 — Arco d'Almedina, 2 a 4

COIMBRA

Esta livraria tem um grande sortido de livros tanto nacionais como estrangeiros. Compendios adoptados na Universidade, nos Liceus, Seminarios, Escolas Agricolas, Normais e Primarias.

A LUZITANA

JOAQUIM CRISOSTOMO DA SILVA SANTOS

Officinas: Patio do Castilho — Telefone n.º 487

As mais completas officinas de marceneiro, polidor, entalhador, torneiro, estofador e colchoeiro

MAGNÍFICO SORTIDO

de móveis de ferro e madeira, estofos, colchoaria, oleados, tapetes, brises, jutas, panos de mesa, etc.

ARMADOR ESTOFADOR

Grande sortido de móveis de ferro e colchoaria. Fazem-se orçamentos para mobiliários completos. Responsabilidade efectiva pelo perfeito acabamento de qualquer mobília.

As mais elegantes, lindas e sólidas

mobílias são as confeccionadas

na LUZITANA

MOBILIAS COMPLETAS

Fazem-se Estores, Sanefas, Reposteiros, Estores bordados.

CASAS DE VENDA E EXPOSIÇÃO

R. de Quebra-Costas, 2 — R. Fernandes Tomaz, 1 a 11 — COIMBRA